O Malho

ANNO XXXIII
NUMERO 82
27 - 12 - 1934
Preço 1$200

JUSTÍNUS-934

VINOVITA
GRANDE TONICO
Restaurador das Forças Physicas e Mentaes

CAMOMILINA
O GRANDE REMEDIO DA DENTIÇÃO INFANTIL

Fonseca, Almeida & C. Ltda.
IMPORTADORES EXPORTADORES
FERRO • AÇO • METAES • FERRAGENS
TINTAS • VERNIZES • LUBRIFICANTES
OLEOS • TUBOS • GAXETAS • CORREIAS
CABOS • MAÇAMES • ACIDOS PARA
INDUSTRIAS • ETC.
Material para Estradas de Ferro,
Officinas e Construcção Naval.
ARMAZEM E ESCRIPTORIO :
112 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 112
Dep.: RUA SANTO CHRISTO, 54/56
RIO DE JANEIRO

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Travessa do Ouvidor, 34 — C. Postal 880
Telephones: 3-4422 e 2-8073 — Rio

Preços das assignaturas
Annual, 60$000 -- Semestral, 30$000

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200

O proximo numero d'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

ESSA TUA ALEGRIA QUE FOI MINHA

Poesia de Leonor Posada - Illustração de Cortez

TRAGEDIA DE SERINGAL

Conto de Aurelio Pinheiro - Illustração de Fragusto

OS REIS MAGOS

Chronica de Assis Memoria

ANNO BOM

Pensamentos de Berilo Neves - Illustração de Gip

PROPHECIAS

Texto e illustrações de Théo

ANNO NOVO

Texto e illustrações de Yantok

SECÇÕES DO COSTUME

Senhora, supplemento feminino — De Cinema — Carta enigmatica e charadas — O Mundo em Revista—Broadcasting — Nem todos sabem que—etc...

Caixa d'O Malho

IVO MOREIRA DA SILVA (Curityba) — A sua traducção, se é feliz na reproducção da idéa, não o é na faculdade e harmonia das phrases. Os versos em portuguez soam duros e perdem cincoenta por cento da belleza que lhes dá o rythmo cantante do original. Desculpe, mas não posso publicar a sua traducção.

LUIZ MUNIZ (Nictheroy) — Approvado o seu soneto, mas só se for para sahir no Natal do anno que vem... Você m'o enviou tarde demais para o deste anno. E eu não posso fazer milagre, embora o soneto, bom de verdade, muito valha.

KONINCK (Campinas) — Fraco de technica, seu conto tem, no emtanto, outras boas qualidades que o recommendam á publicação. Com uns pequenos remendos, vou ver quando posso encaixal-o numa das nossas paginas.

CLOVIS ERNESTO CORRÊA (Passos) — O soneto "Outomno" tem um terceto intragavel: o primeiro. Esses clamores das folhas amarellas passando em "revoadas subtis e tagarellas", por mais longe que se leve a fantasia, não passam, nem a pau. Demais o primeiro verso desse terceto tem uma syllaba demais. Quanto á illustração, diz-me aqui o collega da secção de desenhos, que não merece publicidade. Não entendo do assumpto. Mas lamento.

SIMBAL (Ladario) — Assim, não. Conte a historia, de maneira que os cem réis só appareçam no final, na resposta do Gusmão ao intendente. De outro modo, não tem graça. Quando elle sae de tostão na mão, já se sabe o que elle vae dizer. E isso é o *clou* da anecdota.

JORGE CICERO (?) — Para primeiro conto, não vae mal. Mas ainda está muito longe de poder ser publicado. Ponha o pathetico de lado. Escreva não, apenas, o que é verosimil, mas o que é commum da vida, approximando a narrativa, o mais possivel, da realidade. Não carregue nunca nas cores, em scenas dramaticas. Procure, se puder, reproduzir aquillo que já observou. A imaginação atraiçôa, constantemente, a realidade. Ahi tem uma pequena receita para um conto... com o material de sua intelligencia.

BABILONIA (S. Paulo) — A secção de desenhos não approvou os seus desenhos. E eu não approvei os seus versos. A idéa e até mesmo as imagens de "Mulher Divina" são aproveitaveis. Mas a metrica é defeituosa e o tom arrebatado e declamatorio muito o prejudica.

LUCIANA DE ALENCAR (S. Paulo) — Não encontrei, na sua carta, as duas producções que annuncia, mas, apenas uma e um recorte de jornal. Tambem não veiu a caricatura. Gostaria de vel-a. Lerei o recorte noutra hora porque, qualquer que seja o seu valor, a resposta é a mesma: só publicamos ineditos. A respeito de "Carta que não teve resposta": será aproveitado. Sobre os livros de que fala, conheço, só ...nte, "Sem cama propria", que tambem li nas minhas viagens de bonde. Dar-lhe-ei opinião, depois, sobre seu conto "Amante Infeliz".

Dr. Cabuhy Pitanga Netto

A experiencia é uma noz que Deus dá a partir quando já se não tem dentes.

Nem todos sabem que..

A primeira distribuição de cruzes da Legião de Honra (França) realizou-se a 14 de Julho de 1804. Era a estação dos cravos vermelhos. Os rapazes ornavam com essas flores as suas lapellas, o que fazia que recebessem á distancia honras militares, prestadas, por engano, pelas sentinellas. Napoleão 1º soube do caso e ordenou ao chefe de Policia que tomasse providencias severas contra os moços. O chefe da Segurança Publica, Fouché, declarou ao imperador que "de facto os rapazes mereciam um correctivo, mas só no outomno, que estava para chegar". Esta resolução desenrugou a fronte do Corso, e nunca mais se falou nos cravos vermelhos. La-Fayette seria um dos primeiros condecorados com a cruz da Legião, si não houvesse recusado a distincção por achal-a "ridicula".

Na Inglaterra, os pintores não se limitam a fazer quadros. Sem falar daquelles que escrevem, taes William Rothenstein, Richard, Sickert e Roger Fry, ha dois, na Royal Academy, que fazem parte do chamado Conselho Britannico da Côr" e são representantes das industrias da moda. Dita instituição decide quaes devam ser as côres a lançar á moda na estação futura.

Annunciam agora, para o proximo outomno, um "verde" particular encontrado numa téla de Watts, um "azul Millais", e uma série de "magentas".

Um problema, que apaixona ha muito tempo os pesquizadores, é o de Siegfried. Qual é, afinal, a origem do celebrado heróe, ao mesmo tempo germanico e scandinavo, historico e mythico, que vem mencionado tanto no *Edda* como nos *Niebelungen*, e que Wagner popularizou? Um professor de Halle pretende descobril-a nos escriptos de Procopio, historiador byzantino que viveu no XVº seculo e deixou a "Guerra dos Godos".

Seu estudo revelou uma analogia entre Uraya, rei godo, e Siegfried. Esse monarcha, victorioso em toda parte, conquistara Milão e a Liguria, mas foi assassinado traiçoeiramente por um rival, Ildibald, tal como Siegfried por Günter.

Elle organizara um exercito de francos e burgundos; ora, a epopéa de Siegfried nasceu precisamente entre ditos povos.

Ha ainda outras analogias, que seria fastidioso enumerar.

A deã do quarteirão de Gros Caillou é a Sra. Elise Deson que, este anno, entrou em seu 100º outomno. Reside em Paris, desde 1914, e ahi vem de ser entrevistada por um jornalista, curioso por saber novidades dos tempos idos.

Elise nasceu a 3 de Setembro de 1834, em Foëlhen (Luxemburgo). Come bem e dorme optimamente. Sua unica bebida é a agua.

Nunca tomou remedio, e deseja "durar tres annos ainda", para não magoar o medico da familia, que lhe disse rindo, dias antes:

— Sra. Centenaria, só lhe concedo tres annos de vida..." — Elise queixa-se apenasmente de "ouvir muito mal".

O QUE VAE PELOS STUDIOS

Carlos Galhardo assignou contracto de exclusividade com a "Radio Cruzeiro do Sul", já havendo iniciado, nessa estação, sua actividade.

—:—

O programma "Radio Miscelanea", que Gramury organisa com tão apurado senso artistico, continúa apresentando bons numeros e bons interpretes. A soprano Sra. Edyr Tourinho tem actuado com muito brilho na "Radio Miscelanea", que agora está sendo transmittida por intermedio da "Radio Guanabara", a estação de Alberto Mannes.

—:—

A dupla Joel e Gaúcho, que estreou ha pouco na "Mayrinck Veiga", já está gravando discos, o que é uma prova do seu successo. Joel e Gaúcho gravaram na "Odeon" uma marcha de Walfrido Silva.

FIO TERRA...

Dizem que:

— João Petra de Barros fracassou completamente na gravação do fox "Ninon", do film de Jan Kiepura "Uma canção para você", dando, com isso, um grande prazer a Arnaldo Pescuma, que era o indicado para a referida gravação e á ultima hora foi substituido...

—:—

— Custodio de Mesquita esqueceu-se de dedicar a marcha "Ladrãosinho" a varios de seus collegas...

— "Deixa a lua socegada", marcha de João de Barro e Alberto Ribeiro, é uma das recentes edições d'"A Melodia" destinadas ao Carnaval.

MAIS UMA BRILHANTE VICTORIA DE P. R. A. 8

Trecho de uma carta, datada de 25 de Novembro ultimo, do Snr. Vicente G. Rebello, estabelecido á Calle Talcahuano-132, em Buenos Aires:

"A Voz do Norte que é a sua "voz" e que, para mim, é a "voz" mais grata que que me vem da Patria, por ser a que ouço dahi mais prazenteiramente, já que é a unica que aqui chega matizada por lindas musicas e interessantes "coisas" de nossa terra..."

(Diario de Pernambuco, 4ª feira, 5 de Dezembro de 1934).

Uma noite na "Mayrinck Veiga"

Grupo de artistas exclusivos da "Radio Mayrinck Veiga". São elles, da direita para esquerda: — Muraro, Aurora Miranda, Custodio Mesquita, Elisa Coelho de Andrade, Baptista Junior, Gastão Formenti, Patricio Teixeira e o nosso redactor, Oswaldo Santiago.

Uma visita de surpreza. A "Mayrinck Veiga" funccionava, na sua actividade costumeira, quando lá chegámos, uma noite destas, escoltados pelo nosso photographo.

Queriamos apanhar um flagrante das nossas estações de radio em dia commum, sem festas preparadas, imprevistamente.

Eram vinte horas e pouco.

Havia terminado a irradiação do "Programma Fala Sósinho", ou seja, do programma chamado "Nacional", dirigido pelo Sr. Salles Filho.

E Cesar Ladeira já estava no seu posto, junto ao microphone, com o rosto queimado do sol da praia e o bigodinho que delle faz parte.

Os numeros de "studio" desenvolviam-se com a ordem que caracterisa os programmas da "Mayrinck Veiga" onde a disciplina é um facto.

Paulo Ladeira, irmão de Cesar e chefe do "Bureau" commercial da estação, mostrava-se animado com o successo dos programmas diurnos de "studio", por elle iniciados.

Fez-nos o elogio dos elementos novos que tomam parte nos mesmos e que são escolhidos com criterio.

Dentro do aquario", que é como os intimos das estações de radio chamam á divisão de vidro que permitte aos visitantes e "penetras" verem os artistas ao microphone, aurora Miranda cantava, acompanhada pelo grande Custodio de Mesquita, uma marcha para o proximo Carnaval.

Em seguida, emquanto a orchestra de Napoleão Tavares executava o fox-trot "Canta para mim, Cigana", formou-se um grupo para a primeira photographia.

O estouro do magnesio espantou o tenor Pasqualle Gambardella, que cantava uma canção napolitana do seu repertorio classico, isto é, do seu classico repertorio...

O secretario do cantor Carlos Vivan (já escrevemos qualquer cousa sobre esses cantores que vêm de fóra trazendo secretarios...) reclamou contra a fumaça que encheu o salão "haciendo sufocar".

Aspecto do salão onde ficam as pessoas que vão assistir as irradiações. Está repleto de moças, como sempre.

Patricio Teixeira, o cantor da voz branca, está no programma.

Canta um samba, acompanhando-se ao violão, instrumento do qual é professor.

Em seguida, Gastão Formenti, "a voz querida da P. R. A. 9", na expressão-cliché de Cesar Ladeira, vae cantar mais uma vez a marcha "Joia Falsa", que elle esperava ser um dos exitos do Carnaval em perspectiva e que já está sendo.

Nesse momento, faz-se uma nova chapa, esta com Formenti ao microphone, tendo ao lado, em manga de camisa, trajo official dos nossos "studios" em tempos de calor, a seriedade do Ladeira e a alegria de Aurora Miranda.

Depois, chega a vez dos "penetras".

O pequeno salão em frente ao "aquario" fica cheio, todas as noites, de visitantes que desejam "ver" os artistas cantando, compositores que desejam ser cantados, collegas de outras estações, etc.

Arnaldo quiz figurar entre os artistas escalados naquella noite, porque não estava no programma, e não quiz figurar entre os "penetras," porque não o era...

Pum!...

Mais um grupo estava tirado.

Já chegava.

E retiramo-nos da "Mayrinck Veiga" deixando em preparo o "comboio" que faz o "Programma Ida e Volta", entre essa estação e a "Radio Record", de São Paulo.

Gastão Formenti, um dos "peixes" sonoros da "Mayrinck", no "aquario" daquella estação. Vê-se ainda Cesar Ladeira e Aurora Miranda.

IRRADIAÇÃO DE DISCOS

Ao que soubemos, as fabricas gravadoras de discos existentes no Brasil — a "Victor", a "Odeon" e a "Columbia" — vão voltar á carga em torno da utilisação, pelo radio, das suas gravações.

Ha tempos, quando a S. B. A. T. enfrentou e venceu a má vontade das nossas transmissoras, obrigando-as a pagar uma quota de $500 por numero irradiado dos seus socios, encontrou um problema a resolver: — o da cobrança dos direitos de discos, nas audições radiophonicas.

As fabricas, pelos contractos firmados com os auctores, haviam se reservado o direito de decidir sobre o assumpto e reclamavam o controle das irradiações.

Allegavam, como ainda allegam, que o radio desfere um violento golpe contra os interesses da vendagem de chapas phonographicas, sempre que as transmittem em excesso, abusivamente, forçando a queda rapida dos successos populares em musicas ligeiras.

Deante disso, a S. B. A. T. resolveu não autorisar nem cobrar os direitos de irradiação de discos, limitando-se a fazel-o sobre os numeros de studio.

Agora, pelo que ouvimos, deante das reclamações dos auctores e deante das sentenças iá conseguidas na Hollanda, na Argentina e em outros paizes, a "Victor", a "Odeon" e a "Columbia" vão constituir advogado para accionarem as estações de radio.

E' de crer, porém, que as nossas "broadcastings", comprehendendo os legitimos interesses que as ditas fabricas defendem, procurem entrar num accordo em que ambas as partes sejam beneficiadas, submettendo-se ao controle nas irradiações e pagando a taxa de $350 por face de disco utilisada.

Já é tempo de serem ajustados esses detalhes das relações entre os radios, os auctores e os negociantes de discos.

O. S.

— Sonia de Carvalho, uma das primeiras figuras do "Broadcasting" paulista, foi quem gravou em discos as marchas carnavalescas de André Filho, intituladas: "Beijos" e "Vejo o céo todo estrellado". A musica em papel já se encontra em circulação.

—:—

— São de Paulo de Frontin Werneck a marcha "Noiva do meu coração" e o samba "Menina Bonita", duas gravações de João Petra de Barros, que estão alcançando optima acceitação.

Cartas a Petropolis

Magdalena

Saudades e... Hortencias!

Das vinte e quatro horas do sabbado de hontem, só não approveitei os vinte e cinco minutos de Omnibus — LAPA VIA TIJUCA! Omnibus cheio de gente! Vasio de conforto!

Que coisa horrorosa, Magdalena!

—

Uma professora publica, muito gorda, cheia de si (mesmo porque não lhe cabia mais nada) quasi que me atirou pela janella do carro!...

—

Ella exaggeradamente gorda! Eu lamentavelmente magro —, pareciamos o Mappa dos Estados Unidos do Brasil...

Ella o Extremo Norte! Eu, o extremo Sul!

A minha preoccupação era, olhar espantado, Magdalena, para o espaçosinho que havia entre as grades do acanhadissimo Omnibus!

—

E, a professora, sem se aperceber da minha presença, tomando quasi todo o banco, palestrava, á voz alta, com o Juiz de Casamentos da 2.ª Pretoria que vinha no banquinho da frente.

E 500 provas parciaes p'ra lá... e... 700 casamentos p'ra cá... Iá ia eu passando a prova mais dura da minha vida!

Quando o Omnibus passava pela rua Almirante Cockrane, eu iá era quasi um croquette, amassado, molle como um bolinho de carne... nos poucos centimetros que me restava de banco...

—

Nisso, Magdalena, surgiu a figura sempre esperada do Trocador!

— TROCO... Passes!

—

Ah! Magdalena! Quasi que eu disse ao homenzinho:

— "Passe essa Senhora ahi p'ra traz".

—

E... para trocar a pratinha de mil réis! Que lucta, Magdalena! Quasi que foi preciso fazer um requerimento! A Professora parecia uma Montanha de Carne tapando o Sul da minha insignificancia! Eu estava, fatalmente, abafado!!

—

E... por cumulo do azar... Quem é que haveria de saltar primeiro? Eu! Magdalena!

Após gymnastica tremenda, e esforço por mares **nunca dantes navegados**, consegui sahir do Mappa, e, á um tranco maior do Omnibus, foi cahir no collo do Juiz Casamenteiro de 2.ª Pretoria... que, levando a tarde inteira, casando gente, ás 7 horas da noite, dentro de um Omnibus, era promovido á **Ama-Secca!**

E ama-secca do cidadão mais secco do mundo!

Qual, Magdalena! Até hoje, em minha vida artistica, só me apparecem desses premios de viagem.

Até domingo!

LAMARTINE BABO

(Do "Café-Jornal")

O CONCURSO DA "GAZETA DE NOTICIAS"

Os nossos confrades da "Gazeta de Noticias" estão organisando um interessante concurso para saber, dos seus leitores "Qual o maior artista do radio nacional.

Ao vencedor será offerecido o arrojado premio de um automovel no valor de cerca de 15 contos e isto agitou de um modo extraordinario o ambiente, a familia radiophonica, que é das mais desunidas e inquietas...

Os candidatos pullulam, mas, ao que parece, poucos existem com propabilidades de victoria.

O concurso da "Gazeta de Noticias" encerra-se no ultimo dia de Fevereiro e espera-se, durante o seu transcurso, as mais desconcertantes, surprezas, com a ascenção de uns e a queda de outros, entre os mais cotados.

ESTRELLAS DO RADIO POR JOCAL

"JOIA FALSA" — A VERDADEIRA...

— Não ha duvida de que um dos grandes successos musicaes para o Carnaval de 1935 será a marcha "Joia falsa", de Oswaldo Santiago, que toda a cidade iá está cantando.

Os radios, de manhã á noite, iá não cessam de gritar:

"Você me pareceu sincera!
Mas não era!
Mas não era!"

E quando as preferencias do publico se decidem de um modo tão positivo, não ha outro geito senão acompanhal-o, fazendo côro tambem.

"Joia falsa" está, pois, fadada a uma carreira triumphal.

Mas o interessante, no caso, é que o seu auctor não é um simples compositor popular, egresso dos morros.

E' um jornalista, um escriptor, que surprehende vencer nesse genero.

De qualquer fórma "Joia falsa" é a mais verdadeira das composições carnavalescas, em materia de successo, e Oswaldo Santiago entrou num novo campo de actividade.

(Do *Jornal do Brasil* de 15-12-34)

MUSICAS NOVAS

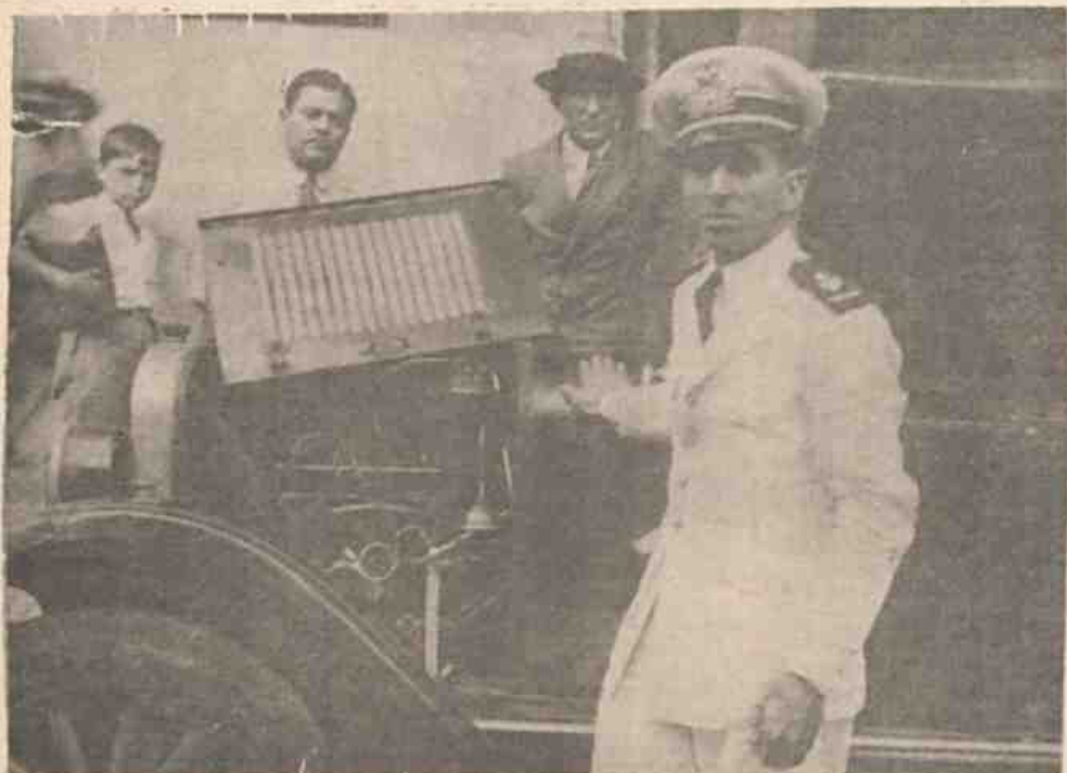
— Custodio de Mesquita vae lançar para o Carnaval uma marcha que trará, com tudo o que elle faz, a marca da fabrica do seu talento. "O tempo passa" é o titulo dessa marcha que toda a cidade deve esperar.

—:—

— "Idem", marcha de Hervê Cordovil, e "Moreninha da Tijuca ou Paquetá", marcha de João de Barro, compõem o disco "Victor" n.º 33.889, gravado por Almirante.

—:—

— "Menina tostadinha" é o titulo da marcha de Ary Barroso gravada por Almirante para o proximo Carnaval. Forma o disco o samba de Benedicto Lacerda "Creança, toma juizo!"

Um invento precioso para o automobilismo

O sr. José de Souza Cardoso, sub-official da Armada junto a um automovel, depois de comprovar o completo exito do apparelho "Alimentador de Emergencia" de sua invenção.

A applicação desse apparelho de manejo simples, de custo baixo e de facil acommodação, não deformando a elegancia dos carros, evita os effeitos da "panne" do apparelho de vacuo ou bomba de gazolina. Qualquer que seja o desarranjo desses orgãos, internos do automovel, com o "Alimentador de Emergencia", o carro continúa a funccionar até o fim da viagem, por mais extensa que seja esta. Essa invenção vem trazer uma verdadeira revolução nos meios automobilisticos, principalmente nas corridas sportivas e as experiencias, coroadas de exito, desse nosso patricio, foram acompanhadas com grande interesse.

Concurso Photographico Entre Amadores

ESCOLHIDAS AS DEZ MELHORES PHOTOGRAPHIAS DA QUARTA SEMANA

Publicamos mais adeante as dez photographias classificadas na quarta semana do nosso Concurso Photographico, escolhidas dentre as innumeras levadas á revelação nas casas Centro Foto, á rua Republica do Perú, 69, Optica Fina, á Avenida Rio Branco, 137 e Lar Photographico, á rua Copacabana 575.

—:o:—

Dois redactores d'O MALHO seleccionarão ainda hoje as ultimas 10 photographias que serão publicadas no proximo numero, perfazendo, assim, o total de cincoenta.

Todas as photographias publicadas serão premiadas, sendo que, entre as cincoenta, uma commissão competente escolherá as 5 melhores que receberão pela ordem de classificação os seguintes premios:

1.° premio	300$000
2.° "	200$000
3.° "	150$000
4.° "	100$000
5.° "	50$000

Relação dos amadores ate agora classificados:

Regina Braga — Luiz Neves — Mme Freitas Guimarães — J. G. Fernandes — Carlos Nery da Fonseca — R. Soares — Odette Souza Reis — Nelson Schuper — Affonso Cesario de Faria Alvim — Angelo Mariz Freire Vivacqua — Maria Barroso — C. Werner — Maria Castro — Paulo Provensa — Demetrio de Pinho — Daniel Vivacqua — Leonardo D. Palmer — René Jamelli — B. A. Pirel — Antonio Leite — Helena Mamede — Abel Alves — Maria do Carmo Madeira — Daniel Baudouin — Maria Helena — Antonio Arnaldo Gomes — Alberto Octavio Coelho — Carolina Galvão — Manoel Barbosa da Silva — E. Niemeyer.

Sê feliz, meu irmão!

Sim, meu irmão.

Depois, eu e tu continuaremos os mesmos. Haverá ainda o rude egoismo no meu e no teu coração. As nossas boccas, desfiguradas em rictus amargos, repetirão pelos dias em fóra os velhos estribilhos do scepticismo...

E os teus olhos, e os meus olhos, golfando a luz brusca das paixões, a cada instante hão de lembrar o antigo imperio absoluto do Instincto sobre a Intelligencia — o bruto membrudo e hisurto, o machado de silex, a posse como objectivo supremo.

Bem sei, meu irmão.

Mas escuta esse alarido de bôas-vindas ao Anno Novo: é a Esperança de que tudo mudará.

Dá-lhe o teu sorriso mais amigo.

Dize-lhe a tua palavra mais jovial de festa.

Não a deixes passar em vão, nessa nêsga de tempo que a tradição perfumou de alegria com o cheiro alegre das pitangueiras, e ungiu de fraternidade com a larga e clara revoada de votos bons entre os homens.

Se a tua alma adulta crestada e sáfara do *simoun* do desencanto, nem uma sombra possue já que a abrigue e retenha por um pouco, retrocede em ti mesmo, meu irmão: existe sempre, nos longes da nossa jornada, uma paragem cuja lembrança nos restitue o dom de amar a vida...

Acolhe ahi a Esperança.

Não importa que ella seja mentira.

"Que é a Verdade?"

Poncio Pilatos, ha mil e muitos annos, fez esta pergunta ao galileu Jesus Christo.

E, até hoje, ninguem conseguiu responder...

SODRÉ VIANNA

HELMUT

TAINHAS & TUBARÕES

Por BERILO NEVES

O mar é uma grande democracia liquida: nelle, todos vivem como entendem, sem dar satisfações aos visinhos. Não ha fronteiras: uma gotta d'agua junta-se a outra d'agua como um umbigo a outro, num caso xyphopagia. O mar foi a primeira e a mais perfeita das republicas.

* * *

O **tubarão** é um peixe sem regime alimentar. Come tudo: até gente. Quando ha um naufragio, o seu estomago se transforma em **bric-a-brac:** nelle se juntam pernas de melindrosas, corações de poetas e visceras sem alma, de judeus internacionaes...

* * *

A **baleia** é um deposito fluctuante de azeite. Como os porcos, a baleia só é util depois que morre...

* * *

A baleia é um exemplo commovedor da previdencia divina. Que seria dos outros peixes se, para aquelle corpo immenso, não houvesse a angustia irremissivel de uma garganta estreitissima?

* * *

As tainhas, as enchovas, os salmões e toda a arraia miuda dos mares devem rir-se muito ao verem a baleia abrir a bocca para dar sahida aos peixes grandes demais para a sua garganta (lição icthyologico-philosophica aos homens e mulheres demasiado ambiciosos).

* * *

A **sardinha** é um peixe pobre, que se alimenta mal e está habituado a caber em qualquer logar. Na outra encarnação, a sardinha foi costureira e só viajava nos bondes da Light...

* * *

A humildade excessiva é uma desgraça. Se as sardinhas não se submettessem a tudo, não acabariam aos magotes, numa lata estreitissima...

* * *

O **espadarte** é um reservista de cavallaria, condemnado a trazer a espada no focinho...

* * *

As **tainhas** são peixes com pretenções a civilisados: acompanham os navios em alto mar e deliciam-se com a musica dos ultimos **foxs** norte-americanos...

* * *

A **enguía** é um peixe-sophisma: quando julgamos tel-o nas mãos, já escorregou por entre os dedos...

* * *

A Natureza é tão sabia que pôz, no mar, o **peixe-sabão** para que ninguem allegue o direito de andar sujo...

* * *

O **peixe-voador** é o poeta da especie: não se contenta com o infinito das aguas e ainda gosta de fazer bonito invadindo, ousadamente, o espaço reservado ás aves e aos aviadores. Por isso mesmo, o peixe-voador acaba, muitas vezes, na panella dos marinheiros...

* * *

A **pescada** é um peixe sem sorte: porque não faz mal a ninguem, toda gente a come...

* * *

O **baiacú** foi infeliz no casamento. Está sempre mal humorado. E' bater-lhe, e elle inchar immediatamente...

* * *

A **tainha** tem uma alma romantica: vive a sonhar com um principe encantado e o mais certo é esbarrar na bocca anonyma de uma baleia sem poesia...

* * *

O **salmão** serve para dar côr ao vestido das mulheres que não gostam do amarello nem do vermelho...

* * *

A **piaba** fugiu de casa para ser artista de circo...

* * *

"Que seria do peixe se não fossemos nós?..." (idéas de azeite e vinagre).

* * *

Dá-se o nome de **mero** a um tubarão em edade escolar...

* * *

Cumulo da pouca sorte: ser vegetariano e acabar engulido por um tubarão...

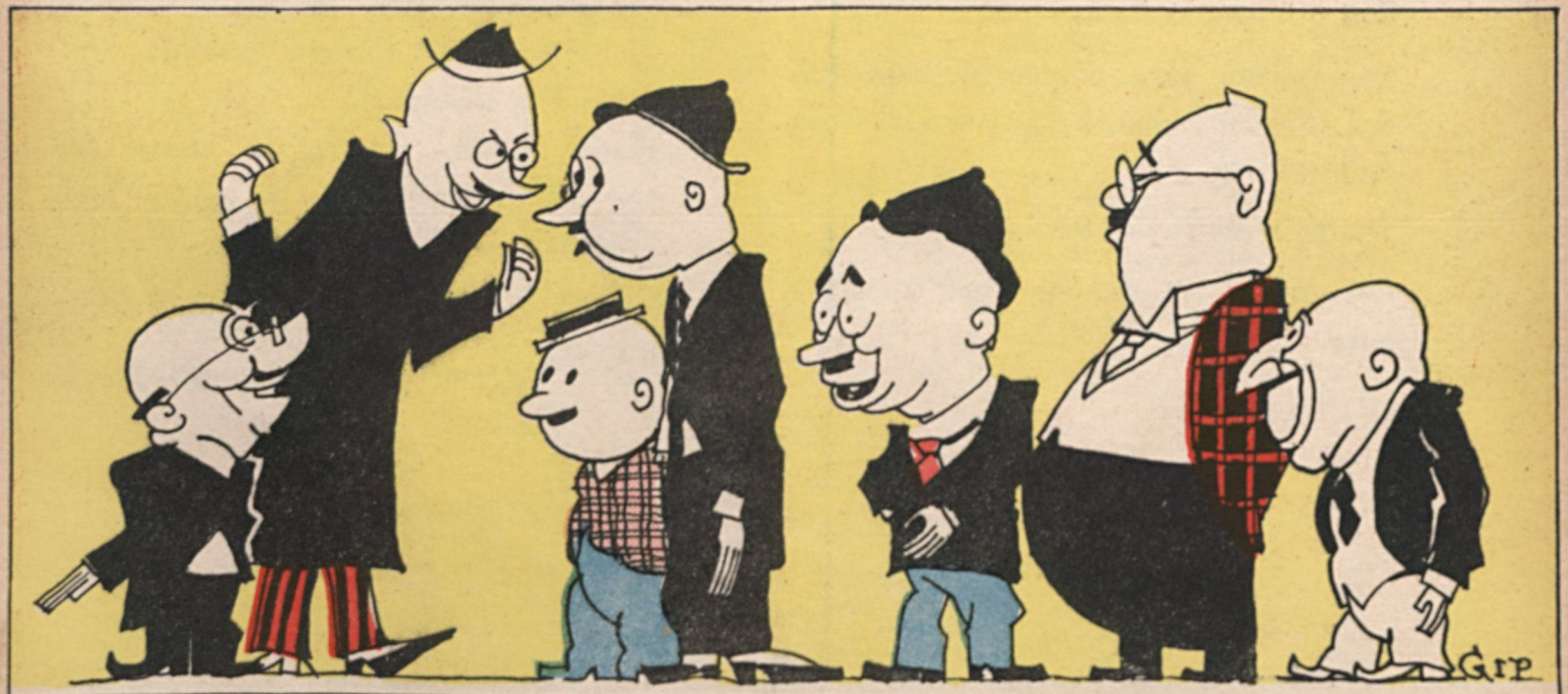
* * *

Chama-se **enchova** um peixe qualquer, que teve a sorte de ser servido na mesa de uma familia endinheirada...

* * *

Os homens recebem um nome quando nascem; os peixes, quando morrem...

* * *

Um peixe que tem vergonha não deixa que os seus filhinhos innocentes venham á praia em dia de verão: pode ser a hora do banho das elegantes da cidade...

— Como foi que o pobre do Anacleto quebrou a cabeça?
— Eu explico. Você vê aquelle buraco ali?
— Vejo.
— Pois bem, o pobre do Anacleto não o viu..

NATAL no NORTE

A bella Estancia, a linda cidade sergipana, ergue-se do seu rescendente leito de jardins. Escorrem-lhe do corpo as perolas do orvalho matinal, e, como a Pentapolis do poema de Tobias Barreto, pede ella ao sol radioso que a queime de beijos.

No languido movimento do seu acordar, ao tépido aflato da manhã de estio, o ambiente enche-se de ineffaveis olores. E' uma grande rosa que se abre trescalando.

Doce torpor põe a alma em sonhos, e a fantasia, Penelope caprichosa, gera maravilhas na terra que desperta entre as nevoas de um meigo sonho, com a volupia, o desejo de violação fremindo-lhes nas carnes moças. Beijam-se flores e passaros sob o anil sem nuvens do céo infinito. A natureza é uma ternissima lição de amor nupciando as almas e as cousas.

Assim amanhece a cidade no dia do Natal, sorrindo num tranquillo contentamento, adorando Jesus que nasceu, sentindo o aroma do dia, a caricia celeste do presepe quebrando os espinhos do soffrimento e enchendo de candido jubilo o coração que o mundo desencanta.

Os lares se alvoroçam ao gorgeio dos risos infantis, e as mães, com a sua doce bondade, fazem na fronte innocente dos filhinhos o signal da cruz.

Como é magnifico recordar as scenas natalinas no Norte!

Pela mão cuidadosa da preta Sabina, mettido na minha roupinha de velludo azul marinho e gorro com borlas doiradas, na tarde alegre e cheia de forasteiros, caipiras que assistiram com suas mulheres e suas filhas á *missa do gallo*, eu ia visitar os presepes.

Deliciosos pensamentos tumultuavam em minha cabecinha pela ante-visão do nascimento do menino Deus. Pelo caminho, cabôclas tostadas pelo sol do campo aberto, dois, tres cravos brancos no negro cabello enrodilhado, brincos vermelhos nas orelhas polpudas, vestidos de ramagens e esticados pela gomma, passavam achando bonita a minha roupinha.

E' aqui o presepe de seu Zé Faladô; ali é de seu Yoyô Lima, e mais um e mais outros, e muitos na cidade feiticeira e na morada da tradição.

O presepe do Faladô? Ahi foi que eu demorei mais na contemplação da grutasinha onde Jesus, já nos braços de Maria, marcava o destino dos novos tempos, a face de uma civilização.

Meu coração pequenino crescia na onda de enorme ternura, vendo, entre tufos artisticos de verdura e a grande estrella symbolica pendente da arcada da gruta, a figurinha daquelle que minha mãe me ensinara a adorar. A sala do presepe está cheia de gente, e no ar confinado, cheirando a folhas de camará e margaridas do prado, o meigo cantigo louvando Jesus nascido dulcifica o sentimento pela ternura mystica de seu elevado sentido.

Ao lado de fóra da casa onde o presepe se armou, creoulas de roupas novas, com braceletes e collares de grandes contas douradas, sentadas no passeio, com taboleiros de doces, vendem queijadas, confeitos, alcomonia e outras gulodices a que se afizeram as creanças nortistas. Mais além, o circo de cavallinhos e as barracas de lona com as varias formas de jogo licenciado.

Eu tenho 500 rs. em moedas de *tostão*, no bolso de minha roupinha de velludo azul marinho, e a preta Sabina leva-me para montar nos cavallinhos, um céo aberto nas aspirações da minha meninice. Fiz as voltas da *rodada*, paguei o meu tostãozinho de nickel e enchi a alminha tola de incomparavel alegria.

As horas correm e a tarde passa e a noite desce abrindo a enorme papoula de um lindo luar de Dezembro, em pleno verão do Norte.

Nas ruas jubilosas, em juvenis serenatas, grupos de rapazes tranzitam arrancando dos violões e bandolins, em apaixonadas modinhas, a nota do amor que floresce ou do amor que fenece.

Ha no christianismo dois grandes dias commovedores, de eloquencia super-humana — o Natal e a Sexta Feira da Paixão — a alvorada e o crepusculo da propria alma humana nascendo para as claridades de uma civilização redemptora e envolvendo-se nas sombras tristonhas do nosso eterno soffrimento.

E, hoje, já velho, quando eu me debruço na muralha que me separa da minha meninice, sinto ainda meu coração ameninar-se deante do presepe do Faladô. Minha pequenina e inquieta visão curiosa fixa, cheia de amorosa candura, a gruta e a mangedoura onde Maria, a Mãe sagrada, tem ao collo Jesus pequenino impondo ao mundo, na dolorosa elliptica do destino humano, a torturante interrogação de sua mysteriosa essencia!

Natal da minha terra, Jesus do presepe da Estancia, tu és a consoladora philosophia das nossos profundas amarguras.

JOÃO ESTEVES

Luiz Sá
Rio — 34

DESEJAR conhecer o futuro, saber o que acontecerá amanhã, por maior que se reconheça uma cousa inutil, é sempre o interesse de toda gente. Fascinação do mysterio ou attracção do indecifravel, a creatura não abandona o desejo de desvendar o dia de amanhã, vislumbral-o como vê a realidade de hoje. Por isso mesmo, cada fim de anno, tanto se aprazem aos advinhos em predizer os acontecimentos futuros como os ouvir. Como tudo no mundo é possivel e a vida é uma permanente repetição, occultistas e chiromantes, diante das cartas ou do Livro de Salomão, muitas vezes acertam.

Nós fomos tambem ouvir uma sibylla.

Na casa de Mme. Betty

Ninguem esqueceu ainda, pela sua deformidade physica e sua fama, a celebre Mme. Zizinha. Mme. Betty é sobrinha da cartomante que todo o Rio ia ouvir. Talvez não fosse facil encontral-a, porque não vive da cartomancia. Deram-nos, porém, uma indicação: Rua de S. Christovão, 382. Fomos lá. Tocámos a campainha e Mme. Betty nos recebeu com amabilidade e faz-nos sentar. Na sala tudo simples e familiar. Nada que arripie ou suggestione. Loura, toda de preto, os olhos pequeninos e vivos, Mme. Betty está agora sentada á nossa frente, uma mesa redonda coberta com um panno **grenat,** traçando um velho baralho:

— E' o mesmo com que Mme. Zizinha fazia as suas prophecias e com que procuro prever os acontecimentos de cada anno.

— **O Malho** quer saber o que acontecerá em 1935.

Mme. Betty durante tres annos previu cousas que se realizaram e que a imprensa noticiou, accentuando-lhe as previsões. Recordamos isso, olhando um retalho de jornal, emmoldurado, na parede Mme. Betty põe o baralho na mesa, pede que o cortemos, que tiremos de cada vez determinado numero de cartas e vamos annotando. De vez em quando se concentra e fala. Revela acontementos, emittindo nomes de personagens e locaes.

O que acontecerá em 1935

— A Europa será abalada por lutas tremendas. Os pequenos paizes ver-se-ão ameaçados de absorpção pelos grandes. Haverá em todo o mundo o perigo de um descalabro financeiro, resultando dahi graves acontecimentos. A classe medica tudo fará para debellar uma epidemia de origem desconhecida. A actividade feminista entrará em declinio, voltando a mulher ao lar, cedendo o lugar tomado aos homens. Uma empresa, procurando fazer valer os seus direitos, preoccupará muito ao governo. Na defesa dos interesses collectivos um advogado se empenhará em luta de vasta repercursão. No principio do anno haverá chuvas fortes enchentes e desastres. Um pavoroso incendio trará enormes prejuizos á nação. No correr do anno teremos poucos nascimentos, muita morte, imprevidencia nos negocios bancarios, grande desastre de aviação, trazendo luto ao paiz.

Mme. Betty pára, faz perguntas, espalha e reune cartas: **Fortune, La Force, Incident, Utilité, Bourse d'Argent, Jugement...**

Mme. Betty fazendo suas prophecias especialmente para "O Malho"

Os olhos escuros no rosto branco perquirem atravez dos symbolos. E lê nas cartas:

— Morte de alta patente militar. Companhia estrangeira fará proposta para arrendamento do Lloyd. Morte de uma senhora da alta sociedade, muito dará o que falar. Contracto com nação estrangeira será de grande vantagem para o Brasil. Morte de figura de destaque no clero. Morte de um presidente ou rei da Europa, com repercursão no mundo.

A politica, tambem

De vez em quando, nas cartas de Mme. Betty, repontara o assumpto politico. Resumimos tudo:

— A situação geral do paiz mudará para melhor. No correr do anno, a situação trará grandes difficuldades ao governo. Divergencias politicas provocarão luta, muito soffrendo o paiz que terá aborrecimentos e luto. A chegada de um personagem prejudicará certos projectos politicos. Haverá um mal entendido nas correntes politicas, cuja responsabilidade recahirá sobre o poder.

Sport e Carnaval

Mme. Betty fala sobre os sports que soffrerão sensiveis modificações. Profissionalismo e amadorismo não chegarão a accordo, o governo intervirá para beneficio do sport nacional, que tomará um rumo differente ao que segue.

A victoria do Carnaval interno

Festa carioca por excellencia, o Carnaval não deve fugir ao influxo dos oraculos. Elles sabem tambem de Carnaval. E Mme. Betty nos diz que os grandes clubs terão de enfrentar difficuldades enormes, mas sahirão, a victoria cabendo aos Democraticos. Adianta que animação carnavalesca será maior interna do que externamente. O Carnaval da rua irá morrendo aos poucos.

E mais não disse Mme. Betty.

O 13° ANNIVERSARIO DE "VANGUARDA"

VANGUARDA, o vibrante jornal de que o desassombro e altivez de Oséas Motta fez um dos grandes paladinos das boas causas publicas, completou, este mez, o 13° anniversario de sua fundação.

Por essa occasião, o incansavel batalhador que é Oséas Motta teve opportunidade de verificar a sympathia que cerca o seu nome em todos os sectores da collectividade carioca, e o prestigio que desfruta o seu valente vespertino, recebendo as mais expressivas manifestações de apreço, como um coroamento do seu intenso labor em prol dos mais legitimos interesses do povo.

NO CLUB PELA PAZ "ALEXANDRE DE GUSMÃO" — *Aspectos da ultima reunião do Club Pela Paz "Alexandre de Gusmão", gremio internacional pan-americanista, realizada no Externato Pedro II.*

JUBILEU SACERDOTAL — *Aspecto apanhado na escadaria da Egreja da Penha, por occasião das manifestações publicas e das solemnidades religiosas com que foi commemorado o jubileu do Padre José Maria da Rocha, capellão da Penha.*

NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA — *O Exmo. Ministro da Rumania, Sr. Dr. Alexandre Zamfirescu, em visita á Associação Brasileira de Imprensa.*

Um Guarda-chuva

MONOLOGO DE LUIZ PEIXOTO

Eu sempre tive horror ao guarda-chuva,
A sordida barraca!
Tão preto... é triste como uma viuva!
Tão grosso... é gordo como uma polaca!
N'um dia (um desses dias que Deus dá
De chuva p'ra xûxú,
Em que chove em Paris, no Itapirú,
No Rio, no órbe — menos no Ceará...)
Fui á casa do meu amigo Izidro,
Publico funccionario aposentado
Que tem o ôlho de vidro.
E um guarda-chuva de cimento armado,
Com um raio d'um cabo
Que não lembra nem ao diabo!

* * *

Ao sahir, empurrou-me o guarda-chuva!
Que arma horrenda! Eu temia carregal-a!
Elle jurou que ia como uma luva
Em minha mão: melhor que uma bengala!.

* * *

E sahi. Mal que puz o pé na rua,
Não quiz acreditar!
Fazia um sol de metter medo á lua,
Sol de rachar!

* * *

A gente, só lembrando disso, sua!
Que estufa!
Ufa!

* * *

E o guarda-chuva, ali, imbecilmente,
Despertando a attenção de toda a gente,
No meu braço dormente,
A se bambolear!
Sae, azar!

* * *

Nisto vem o meu bonde! Botafogo!
Verde e amarello: ao sol todo ouro e jalde.
Ao vêl-o, fui tratando de entrar logo;
Vinham nelle as garotas do arrabalde!
Mas me lembrei de que não ia só:
O guarda-chuva, o appendice, o espantalho,
O pendurucalho,
Deu-me um trabalho
De causar dó,
Um trabalho cachorro
Para o esconder no forro
Do paletó!...

Pensando e repensando no trambolho.
Tão agitado fico,
Que ora o pescoço encolho,
Ora o pescoço estico!...

* * *

Vou chegando, porém, ao fim da linha...
Cheguei. Respiro. E, erguendo-me todo ancho
Do guarda-chuva o gancho engancho
Na campainha, onde
A gente dá signal para parar o bonde.

* * *

E puxo, puxa! Com tal força, que
Ella não rebentou não sei porque!...

* * *

O bonde pára
E eu salto,
Tendo agora outra cara!
Vou rindo deslisando pelo asphalto!
E tinha andado uns metros, já, quando ouço
(Meu Deus! que ôsso!)
O conductor chamando-me alto
Como nunca se ouviu:
— O' moço!
Psiu! Psiu!

* * *

Tinha nas mãos um feio objecto! O' diabo!
Era o cabo
Do amaldiçoado e vil guarda-chuvinha,
D'aquêlle desgraçado,
Que, por desgraça minha,
Ficou dependurado,
Ficou preso
(O' peso!)
Sambando no cordêl da campainha!
Ria-se o bonde em peso!

BONECOS DE THEO

Scepticismo

— Communico-lhes, senhores que esta é a ultima parada que jogo. Arruinei-me.

Quando a roda parar eu serei um ente — talvez — digno de vossa compaixão.

Aquelles que me comeram os nickeis continuem a fazer, calmamente, sua digestão. Emquanto isso eu não serei para os senhores mais que o pobre cão do poeta — o "Job" — e, como tal — bebam e deem-me ponta-pés!

Ricardo pronunciou esse breve e incisivo discurso e sentou-se. Alguem ria. Afinal aquelle rapaz não passava de um parvo.

— Trinta e tres!

— O *croupier* — typo baixo e avelhantado — annunciara alto para que todos ouvissem.

— E eu, que joguei trinta e dois! — exclamou Ricardo. — Meus Deus! Será que os máus fados me perseguem?

Sahiu da sala. No jardim tirou uma rosa côr de sangue e despetalou-a.

— Agora — furem-me, espinhos da linda flor.

Riscou a epiderme com um dos acerados espinos. Correu um filete de sangue.

— Sangue de jogador. Se eu me casasse, meus filhos seriam jogadores? Naturalmente. Que prole detestavel!

Assim monologando, elle se sentara num banco de pedra.

— Minha sepultura será feita deste modo? A morte! A morte é adoravel!

Sentado, Ricardo collocou a cabeça entre as mãos. Sua fronte escaldava. Ouviu uns passos ligeiros.

— Ah! E's tu, Suzanna?

A encantadora creatura approximou-se-lhe.

— Gostei de ouvir teu discurso, Ricardo. Infelizmente nem todos procedem como tu. Mas crê, meu caro, que, de hoje em deante, não passarás, verdadeiramente, de um pobre diabo — mais infeliz, certamente que o desgraçado cão do poeta. Porque, para teu desespero, não terás o prazer de mudar de dono... Visto como todos te virarão as costas.

— Queres então dizer que me abandonas?

— Perfeitamente.

— Tu, Su — tu me abandonares?

— Achas absurdo? Hontem tinhas para me dar. Gastavas á larga commigo. E amanhã?

— Amanhã dar-te-ei apenas meu amôr.

— Amôr só não basta, meu amigo. Não é de amôr apenas que vive uma mulher — principalmente uma mulher da minha classe. Ademais, desconheço semelhante sentimento. Amôr! Conheço, unicamente, a amizade, a sympathia, como queiras. Mas isso de amizade ou sympathia... Olha, Ricardo: de ha muito affirmam os homens de sciencia que a terra possue um eixo imaginario. Essa figura abstracta tomou fórma, corporificou-se. O eixo da terra é o dinheiro. E eu faço parte da phalange que lubrifica esse eixo. Em synthese, Ricardo, eu sou sacerdotisa de Mammon, entendes?

— Não sabes o que dizes, Su, deliras. Por que me affirmaste, um dia, que me amavas?

Suzanna riu.

— Meu pobre louco! Qual o homem endinheirado que não seja amado? Judas vendeu Christo por trinta dinheiros e, por ter commettido tal fraqueza, a posteridade ainda o amaldiçôa. Entretanto, fosse elle uma mulher, o vendel-o-ia por vinte e nove dinheiros. Falo-te com lealdade, meu tolinho. Do que me serve fingir? Anda, cavalleiro errante, busca o metal e volta. Ao regressares, encontrarás dois braços de mulher sã que te esperam para o amplexo da volupia!

Suzanna executou um cumprimento gracioso, riu e retirou-se. Ricardo olhou-lhe as costas nûas.

— Emfim ella é sincera...

Accendeu um cigarro. A fumaça azulada bailou no ar, em espiral, e volatizou-se.

— A fumaça — arremedo da vida humana — philosophou.

Levantou-se. Encetou um passeio ao longo das alamedas. Pairava, no ambiente, um suave perfume de flor. Suzanna voltou, passados alguns minutos.

— Ainda estás ahi, Ricardo?

— Sim, Su.

— Então sentemo-nos e conversemos.

Estiveram algum tempo mudos.

— Que pensas fazer agora, Ricardo?

NELSON PINTO

— Francamente, Su, eu mesmo não o sei.

— Não aconselho o trabalho porque tu não nasceste para trabalhar, Ricardo. Os homens finos como tu, vivem de expedientes Houve um tempo em que o trabalho constituia uma honra. Hoje, porém, viver á farta, sem se saber como, é o ideal de certa classe de homens — dos homens *chics*. Pensa, Ricardo, pensa num meio facil de ganhar dinheiro. Nunca roubaste? O roubo é o melhor meio que os ociosos encontram para poupar suas energias. O ladrão perde, unicamente, a vergonha. Mas, que significa a vergonha nesta época de utilitarismo, quando, justamente, os endeusados são os que não a possuem? O caracter, meu amigo, é um mytho que já devera ter sido abolido.

Ricardo achou graça na piada.

— E's demasiado sceptica, Su.

— Sim, Ricardo, dizes bem. O mundo — a vida — a vida, calha melhor — me ensinou a ser sceptica. Houve um tempo em que fui honrada, mas pobre. Todos me elogiavam, de longe, a honradez. Ninguem, porém, me estirava a mão, me proporcionava um amparo por mais insignificante que fosse. Curti fome, vivi como um verme. A's vezes procurava um parente, uma pessoa amiga. Fechavam-me a porta a gara. Sabiam, apenas, entoar o estribilho:

— Suzanna é miseravel, mas honrada".

— Uma occasião tropecei e cahi. Quando a mulher tropeça cahe, irremediavelmente. E cahe no lodo. Por que o lodo corre pararello á virtude da mulher? Cahi. Quando a mulher cahe a sociedade, ao invés de offerecer-lhe a mão para levantal-a, calca-a ainda mais no lodaçal. Foi o que aconteceu commigo para não fugir á regra. Antes, batiam-me a porta á cara porque eu era pobre e, como tal, um peso morto; depois viravam-me o rosto porque eu era uma mulher depravada. Como se pode ser honrado com o estomago vasio? Portanto, Ricardo, manda a sociedade ás favas e rouba. Aquelle que te censurar amanhã, no dia seguinte implicará no mesmo erro teu Assistimos, na vida, o desfile interminо de paradoxos e compensações. O carrasco de hoje é a victima de amanhã. Integremo-nos, conseguintemente, em nossos papeis nesta comedia que se chama — Vida. Representemos com maestria o ponhamos de lado a mania de ser criticos.

— E's adoravel, Su. Que experiencia!

— O mundo é um vasto laboratorio de pesquisas. Adquirimos pratica. A theoria é uma incognita. Leiamos nas physionomias.

Estudemos os effeitos das palavras com que ferimos o proximo e odiemos, contra os preceitos divinos, esse mesmo proximo. A humanidade é uma hydra que só se alimenta de odio. Odiemo-nos fraternalmente.

— Mas, Su — interrompeu Ricardo — é lealmente que me aconselhas o roubo?

— Como não? Rouba, Ricardo, rouba.

Ganharás facilmente. Duplicarás as importancias roubadas. Enriquecerás. Rico, chamar-te-ão de tudo, menos de ladrão. Mais tarde poderás dizer, batendo no peito como um religioso hypocrita: "Adquiri o que tenho com o suor do meu rosto".

E todos reptirão:

— "Eis um homem honrado".

Mas ouve, Ricardo. Se, algum dia, sentires fome, não roubes um pão a padaria para mitigal-a porque, neste caso, serás ladrão; rouba, caso o possas, o cofre da padaria, percebeste?

— E's unica, Su.

— Como queiras.

— E' como defines o homem honrado?

— O homem honrado é um lunatico que visa um ponto collocado sempre além do horizonte que se lhe depara.

— E's uma mulher extraordinaria, Su. Deixa que te beije.

Suzanna consentiu.

— Este foi o primeiro beijo que te dei de graça, Ricardo. Como foste bom freguez mereceste esta distincção. Não me peças, porém, o segundo, que custará dinheiro e tu não possues um vintem.

Suzanna despediu-se. Ricardo só, começou a pensar sériamente em sua vida.

Que faria? Suzanna aconselhara-lhe o roubo. Devia roubar? Pensamentos complexos lhe tornavam o cerebro cahotico. Foi andando. Deixara o chapéo no *casino*. A frieza da noite fustigava-lhe a cabeça. Sentia sede. Na rua reinava um silencio tumular.

De dois em dois postos uma lampada electrica clareava em roda. Um gato miou. Um cachorro ladrou. Uma ave de rapina passou, agitando as azas. Passos irregulares feriram-lhe os ouvidos. Ricardo deteve-se e encostou-se a um muro. Vinha um vulto. Um individuo caminhava embriagado.

Vestia decentemente. A voz de Suzanna aconselhava-o ainda:

— "Rouba, Ricardo, rouba".

O rapaz puxou o lenço, amarrou-o no rosto e saccou de um pequeno revólver que conduzia. Acercou-se do ébrio, apontou-lhe a arma e disse:

— Mãos para o alto!

O borracho, atterrorizado, obedeceu-lhe a ordem. Ricardo, agitado, arrancou-lhe a carteira e mandou-o andar. O noctivago se foi, indifferente, cosendo sua bebedeira. Febril, Ricardo quiz avaliar o resultado do furto. A carteira continha dois contos de réis. Ricardo voltou ao *casino*, encontrou Suzanna que dormitava sobre uma banca, despertou-a e dirigiram-se á mesa de jogo. Ricardo jogou e ganhou muito. Retirou-se com Suzanna pela madrugada, endinheirado. A fortuna bafejou-o e, pouco tempo depois, elle se estabelecia no commercio. Suzanna amimava-o continuamente, mas era a mesma sceptica de sempre e mais de uma vez dissera-lhe que, si elle se arruinasse, abandonal-o-ia. Ricardo abandonou definitivamente o jogo e dedicou-se, inteiramente, aos negocios commerciaes. Rico, passou a frequentar a melhor roda e exhibia um luxo nababesco. Fizeram-no ingressar na politica, elle foi eleito deputado e offereceram-lhe um banquete. Iniciado o regabofe, um velhote, que o organisara, pronunciou uma longa oração e terminou affirmando ser Ricardo um moço intelligente, activo e profundamente honesto.

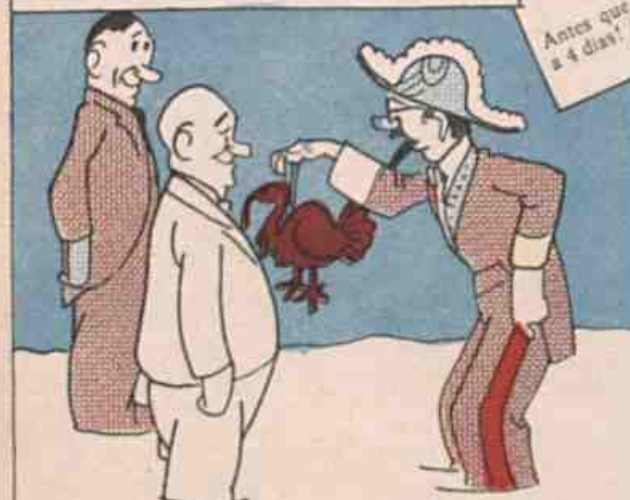
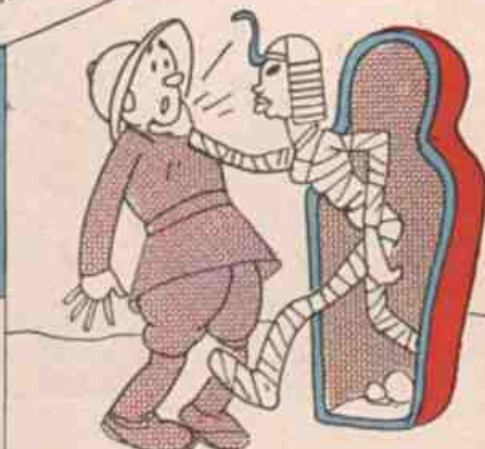
Asseverou ainda que, apesar dos jornaes da opposição rosnarem contra o homenageado, esses não poderiam apresentar uma nodoa, por mais esbatida que fosse, que lhe maculasse a pureza da honra. Demorada salva de palmas abafou as ultimas palavras do orador. Ricardo agradeceu, muito commovido. Quando elle regressou á casa contou tudo a Suzanna, que o escutou attentamente.

— E sabes, Su, quem era orador?

Suzana fez que não com a cabeça.

— O homem a quem roubei, lembras-te?

Suzanna riu gostosamente. Ricardo fechou-lhe a bocca com um beijo — menos de amor que de gratidão...

ACREDITEM OU NÃO... por STORNI
BRASIL
O archivista da embaixada franceza metteu as **botas** no Brasil. Disse que eramos um paiz de negros e imbecis. Naturalmente, por conveniencia diplomatica, o insulto foi... archivado.
1935
Antes que nos esqueçamos, vamos fazer 1934 annos d'aqui a 4 dias! A entrada do anno novo será cheia de novidades... velhas!
Um gordissimo c i d a d ã o, morador em Curityba, matou-se porque era gordo de mais. Pesava 138 kilos! O homem estava cansado de andar tão... **pesado!**
Alguns dos nossos proeminentes cidadãos foram condecorados com a Ordem do Perú! A commoção foi tanta que os agraciados só puderam responder: **glú, glú, glú!...**
Os reis pharaós estão liquidando os profanadores dos seus tumulos. Ha dias morreu o ultimo dos expedicionarios de Horacio Carter, que foi desenterrar o **Tut-Ank-Amon**...
EDU-CA-ÇÃO
O Ministerio da Educação muda-se para a Escola de Bellas Artes. Vamos ter agora **educação nas bellas-artes...**
PREMIO NOBEL
BRASIL
CAMPEÃO DA PAZ
SARRE
Dez milhões e duzentos mil desempregados existem na Grã-Bretanha. E depois dizem que o brasileiro é que é preguiçoso e indolente!...
O premio Nobel de 1933 e 34 coube a dois inglezes. Muito obrigado! O Brasil, paladino dos pactos de não aggressão e **anti-bellico**, ficou **chuchando** o dedo!
— A questão do Sarre é capaz de acabar em guerra mundial?
— Parece. O carvão do Sarre está tornando a situação **preta...**

Um pedaço da Russia onde não chegou o poder do Tzar nem chega o poder de Stalin

Uma aldeia dos chevsuro

EM um artigo publicado em **Estampa**, de Madrid, informa P. Strown que existe nos confins da Russia uma raça ao mesmo tempo selvagem e cavalheiresca — os **chevsuros** — que conserva sua tradição de pobreza e de hospitalidade religiosa no tumulto da Russia Sovietica.

As idéas de Trotsky, de Lenine e de Stalin não chegaram até lá; não perturbaram a vida tradicional daquella raça. Para essa região fugiam os politicos do extincto Imperio em busca de um auxilio seguro. E os **chevsuros** sabiam offerecer-lhes uma hospitalidade carinhosa e gentil, sem indagar que crença professavam, que doutrina seguiam. Nem Stalin, nem o Tzar. Lá é Deus quem domina. Bastava ter fé nessa entidade celestial para merecer todo o auxilio dos **chevsuros**. Graças a esse refugio religioso, Stalin, indigena do Caucaso, encontrou asylo seguro em 1905, quando fracassou o movimento revolucionario de 1905 e o conde de Norontzov, governador da região, poz a premio sua cabeça. Annos depois, ao triumphar a revolução russa, foi tambem procurar refugio entre os **chevsuros** o principe Kahuzo Cholokaschvili, o ultimo georgiano da guarda branca do Tzar. Com a mesma nobreza e o mesmo destemor com que agasalharam e defenderam o famoso carbonario que exerce hoje a funcção de Dictador de todas as Russias, os **chevsuros** acolheram o principe decahido. Segundo informa o chronista, esta interessante raça de selvagens cavalheirescos com as pedras do Caucaso construiu uma cidade original em um estylo tosco e primitivo. Nessas casas de pedra é que elles agasalham os fugitivos que lhes batem ás portas:

— Quem és?

— Um fugitivo.

— Crês em Deus?

— Creio.

— Persigna-te. Procura a habitação que mais te agrade. Emquanto estiveres entre nós serás um **chevsuro**. Ninguem te perguntará nada. Ninguem te delatará. Procure tambem não offender a ninguem.

E o exilado passa a ser um membro a mais na communhão e como tal a respeitar as leis do meio. Estas são em geral severas e edificantes: o ladrão é açoitado por todo o povo; ao devedor relapso amarra-se em uma arvore até que pague a divida e ao criminoso, ao assassino o enterram vivo em baixo do cadaver de sua victima.

✢ ✢ ✢

Assim são os **chevsuros** — remata Strown: primitivos, cavalheirescos, probos, nobres e selvagens. Seguem na vida o que elles acreditam que seja o caminho recto traçado por Deus. Desprezam ao Tzar e a Stalin elevando o amor a uma independencia brutal, a independencia que lhe dão as abruptas montanhas do Caucaso.

Um typo de chevsuros.

O BUMBA MEU BOI NO NORDESTE

BERÇO da tradição e onde ainda se conservam usos e costumes dos nossos avós, o nordeste, ao se approximar o Natal, veste-se de alegrias e todo se engalana para festejar o nascimento do Messias.

Não sómente os presepes e pastoris, na época festiva do Natal, concorrem para alegrar a alma infantil do povo com as suas musicas simples e ingenuas alliadas a uma choreographia que se torna monotona, ás vezes, pela repetição dos mesmos passos e attitudes scenicas.

Outros divertimentos populares como o auto campesino, denominado "Bumba-meu-boi", são representados ao ar livre, tomando parte no entremez buffo varias figuras symbolicas, dentre as quaes se destacam o preto Bastião, (Sebastião) o Picapão, o Matheus, o Vaqueiro, a Catirina, o Doutor, o Padre-Mestre, o Cavallo-marinho, ou a burrica, e o proprio "boi", que não é mais do que uma tosca armação de sarrafos coberta de panno, imitando o arcabouço de um boi com a respectiva cara á frente, sob a qual se occulta o "dansador" que faz arremettidas e recuos, ameaça dar chifradas, dansa o "bahiano" e o "miudinho", cahindo por fim, "morto", e sendo carpido pelo seu fiel boiadeiro que canta:

O BOI

"O meu boi morreu
que será de mim?
Manda buscá outro, ó maninho,
Lá no Pyohim".

A folgança é ensaiada, cuidadosamente, e no dia em que tem de se representar em publico, suas figuras, já sabem de cór as lôas e cantorias que irão entoar, ou os passos que terão de executar, emquanto as "cantadeiras" garganteiam os versos allusivos á acção do momento, acompanhadas ao som metallico de violas zingarreantes.

Na Bahia, segundo conta o saudoso e erudito folklorista patricio Mello Moraes Filho, o "bumba-meu-boi" faz parte dos "reisados", ranchos caracteristicos que percorrem as ruas das localidades onde são organizados, indo á casa de determinadas pessoas ás quaes pedem licença para entrar e dansar, iniciando a folgança com o costumeiro dialogo:

— O' de casa!
— O' de fóra!

Obtida a licença, que nunca é negada — sendo até um signal de deferencia para o dono da casa essa visita, começam as cantorias e as dansas e depois as "sortes" e as "louvações".

Não sómente o amphytrião que acolhe em seu lar as alegres figuras do "reisado" como tambem as demais pessoas da casa ou outras de importancia que ali estejam, são elogiadas em versos de improviso, em que seus dotes de formosura — sendo senhoras — e suas virtudes, bondade e sabedoria são exaltadas, muita vez com exaggero. Ao final da "louvação" lhes é atirado um lenço que é devolvido, tendo amarrada em nó, uma das pontas, onde é posta uma espórtula, mais ou menos avultada, conforme as posses ou a generosidade do "louvado".

Terminadas ahi as cantorias e figurações do "Cavallo-marinho", do "Boi" e das demais personagens do folguedo, seguem todos para outras casas onde são esperados com impaciencia e alvoraçada alegria, não demorando em satisfazer este pedido quando lhe defrontam a residencia:

"— Senhora dona da casa
Abra a porta e accenda a luz"...

Repetem-se ahi as mesmas scenas, mais ou menos animadas pelos applausos e sorrisos dos espectadores, das pilherias dos typos comicos, como o Bastião, o Matheus, o Valentão, o Mané Pequenino e outros buffões do espectaculo.

As musicas ou "cantatas de reis" têm qualquer cousa de saudoso, de melancolico, embora sempre repassadas de suave poesia campesina, e acompanhadas, em rhytmos certos, pelo "zabumba".

O "BASTIÃO"

Em Pernambuco o "Bumba-meu-boi" é representado ou dansado em logar previamente escolhido, como na antiga campina da Casa Forte, arrabalde do Recife, ficando o recinto alumiado por fumarentos candieiros de kerozene com grossos pavios de algodão.

São feitos elogios, ou louvações, tiradas sortes pelo "Cavallo-marinho", que recolhe, na ponta do seu lenço, o "resultado", ás vezes animador, das louvações feitas a tal ou qual pessoa de destaque e... dinheiro.

O "DOUTÔ"

Como nas antigas pantomimas dos circos de cavallinhos, entram em acção "bexigas de boi" cheias de ar, com que são castigados os comicos pelas suas chocarrices, batendo-se-lhes com ellas nas costas, o que produz muito ruido e nenhuma dor physica, embora elles se queixem e finjam chorar pelas pancadas recebidas.

Uma das primeiras lôas ou cantatas do "Bumba-meu-boi" após as saudações e cortezias do estylo, é a entoada pelo Vaqueiro, acompanhado pelo côro e de que o já citado Mello Moraes Filho nos dá uma interessante versão, com a competente musica, no seu precioso livro: "Canções Populares do Brasil".

Nessa lôa o Vaqueiro previne os circumstantes de que o boi é bravio. Depois declara o que encontrou no animal após o exame que lhe fez.

O côro, havendo indagado de que soffria o boi, repete, invariavelmente, em seguida a cada verso do Vaqueiro, as exclamações: "Eh! Bumba!"

Essa palavra talvez tenha a significação de pancada, ou seja uma onomatopéa do ruido da quéda.

Canta o Vaqueiro:

"Olha o boi, olha o boi
Que te dá!
Ora, entra p'ra dentro
Meu boi "marruá".
Olha o boi, olha o boi
Que te dá,
Ora ao dono da casa
Tu vaes "festejá"!
Olha o boi, olha o boi
Que te dá,
Ora, espalha esse povo
Meu boi "marruá".
Olha o boi, olha o [boi
Ora, sae da catinga
Meu boi "malabá".
Olha o boi, olha [o boi
Que te dá,
Ora faz cortezia
Meu boi "guadimá".

.. ..

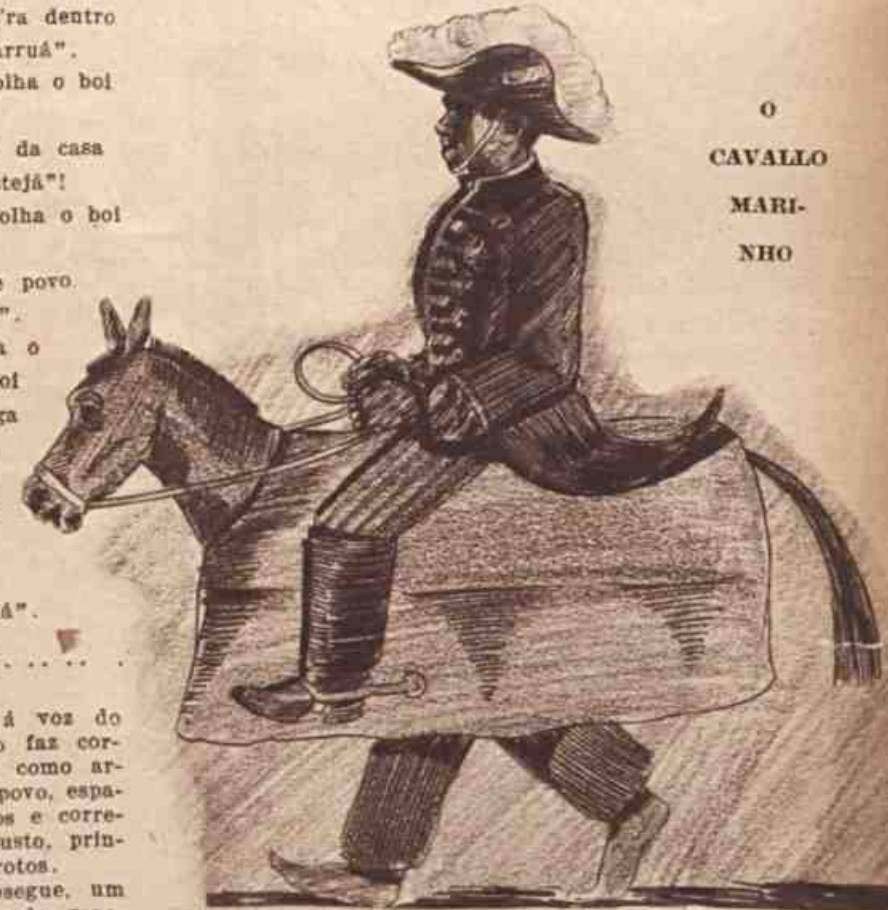
O "PHANTASMA"

O boi obedece á voz do Vaqueiro, e tanto faz cortezias e mesuras, como arremette contra o povo, espalhando-o em gritos e correrias de fingido susto, principalmente os garotos.

A cantoria prosegue, um tanto monotona, pela repetição de dois simples motivos musicaes entoados pelo vaqueiro e pelo côro que responde gravemente, quasi falando, ou em "nota parola":

"Eh! Bumba!"
— "Eu fui ver o meu boi...
— Eh! Bumba!
O que é que elle tinha?
Eh! Bumba!
— Eu fui ver a cabeça
Achei ella bem "leia"...
Eu "fuge" ver la na ponta,
Ele de mim não fez conta
Eu fui ver no pescoço
Achei elle bem torto;
Eu fui ver nas "apá"
Não achei nada lá.
Eu fui ver lá na mão
Não achei nada, não.
Eu fui ver nas costellas
Não achei nada nellas.
Eu fui ver no vasio
Achei o boi bem esguio.
Eu fui ver na "chambari"
Não achei nada ahi.
Eu fui ver no mocotó
Andei bem ao "redó".
Eu fui ver na rabada
Não achei lá nem nada.
Eu fui ver no espinhaço
Eu achei um "vergaço".
Eh! Bumba!

.. ..

Algumas palavras entre aspas, como: "marruá", "guadimá", "malabá" são qualidades de força ou de belleza do boi, assim como logares do corpo, o vasio, as apás (espaduas) "chambari" (perna trazeira), mocotó (patas deanteiras), rabada (cauda), espinhaço (espinha dorsal), vergaço (echimose, ou coloração avermelhada, denunciando lymphatismo), etc. E o Bumba-meu-boi dansa até altas horas da madrugada, sem que seus actores ou acompanhadores revelem o mais leve signal de cansaço, cada vez mais lestos nos passos e figuras choreographicas; de vozes mais agudas e fortes no entoar as cantigas da movimentada folgança, até quando o céo se tinge dos avermelhados clarões da madrugada e o "Cavallo-marinho" entôa a despedida, cantando, no seu pittoresro linguajar:

O CAVALLO MARINHO

"Cavallo-marinho vae se arretirá
Cavallo-marinho vae se arretirá
Inté para o anno si nois vinhé
Inté para o anno si nois vinhé cá"...

Gente simples e feliz!

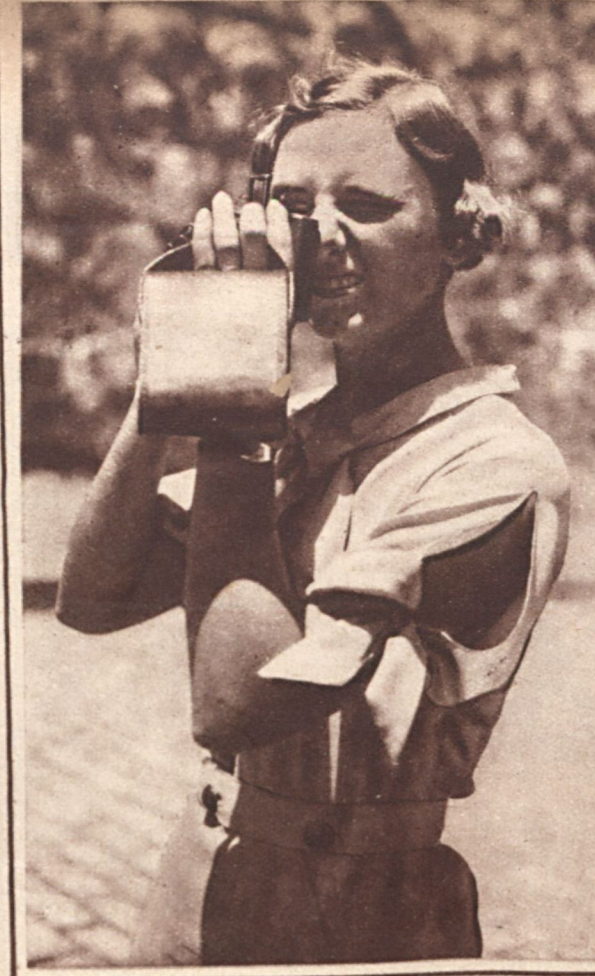
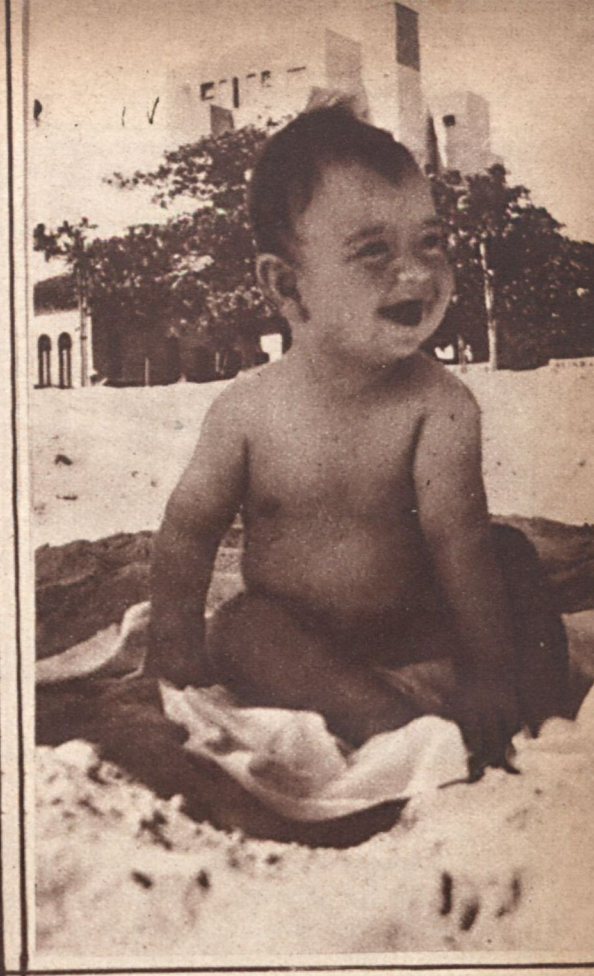
Agora que se reuniu no Recife o Congresso Afro-brasileiro, vem muito a pello recordar essas folganças populares que nos vieram, certamente da Africa e se adaptaram ao meio pastoril para o qual foram transplantadas pelos pobres pretos africanos escravizados.

CAIPORINHA

EUSTORGIO WANDERLEY

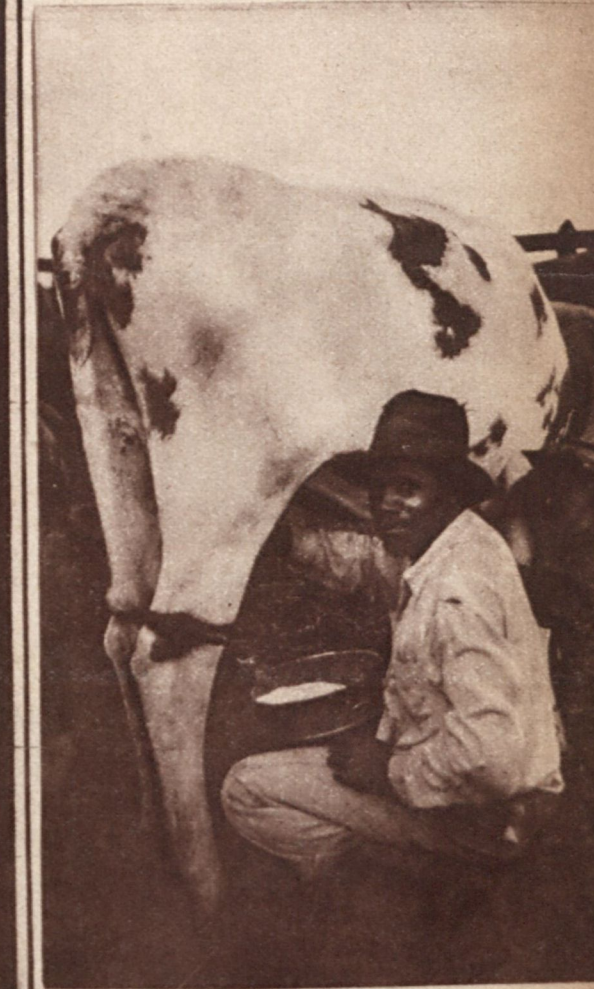
Dolce far niente... — (Photo Louis Edward Lynch)

Pescado a unha — (Photo Waldemar Gouveia)

Um criador de canarios — (Photo Mario Lopes Mesquita)

Amadora em acção — (Photo Helmut Schmalzigaug)

Banho de Sol — (Photo Roberto Guarita de Castro)

Concurso photographico entre amadores

Moinho de agua (Photo Guilherme Vinhaes)

Barco a vela — (Photo C. Werner)

Ordenhando a "Malhada" — (Photo Dario Mello Pinto)

PUBLICAMOS, hoje, dez novas photographias do nosso concurso de amadores, correspondendo aos melhores "films" levados á redacção, na semana de 12 a 20 de Dezembro, nas casas Centro Foto, á rua Republica do Perú, 69, Optica Fina, á Avenida Rio Branco, 137 e "Lar Photographico" á rua Copacabana, 575.

Com as de hoje, attinge a 40 o numero de photos seleccionados e publicados, faltando, apenas os da proxima semana para completar os 50 que, premiados, concorrem aos cinco maiores premios instituidos para este certamen.

Publicadas todas as photographias seleccionadas, daremos em um dos nossos proximos numeros a data em que será realizada esta ultima selecção e feita a distribuição dos premios.

"Pic-nic" animado — (Photo Alvaro Cunha)

A leitura predilecta — (Photo José Fernando Barroso)

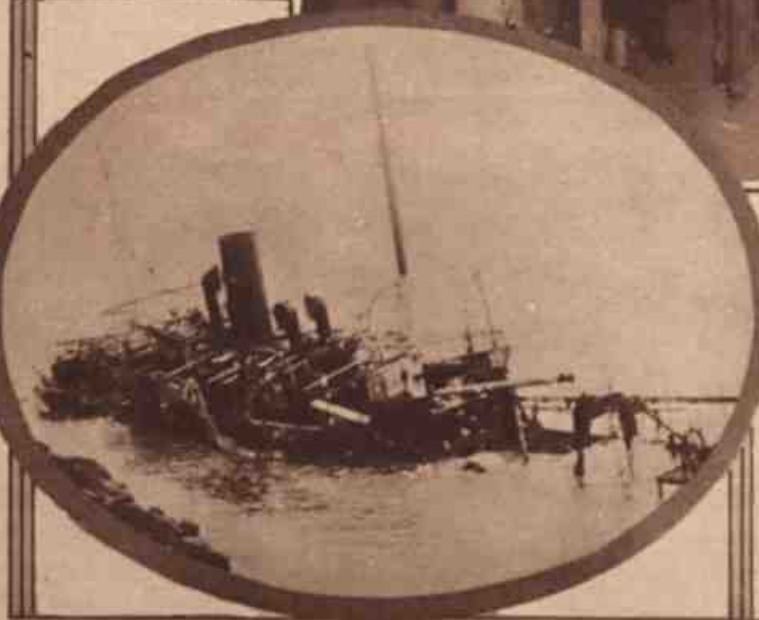
27 — XII — 1934 O MALHO

O MUNDO EM REVISTA

INAUGURAÇÃO DE UM PALACIO — O Sr. Homer Cummings, procurador geral da Republica americana, em seu gabinete de trabalho, no novo edificio do Ministerio da Justiça, pouco após a inauguração. O magestoso palacio custou 11 milhões de dollares.

ENTREVISTA POLITICA — Julio Gomboes, o chefe do Fascismo hungaro, avistou-se com o "Duce" em Roma. Ao que parece, trataram da conveniencia de angariar a adhesão do Reich ao convenio assignado, na Cidade Eterna, pela Italia, Austria e Hungria.

GARMISCH (ALPES BAVAROS) PREPARANDO-SE PARA OS JOGOS OLYMPICOS DE 1936 — Trabalha-se afanosamente em Garmisch Partenkirchen no Stadio onde terão de ser realizados os Jogos Olympicos de 1936 sobre o gelo produzido artificialmente. Ali vemos o Stadio de gelo em construcção e, igualmente, os logares para as tribunas a construir.

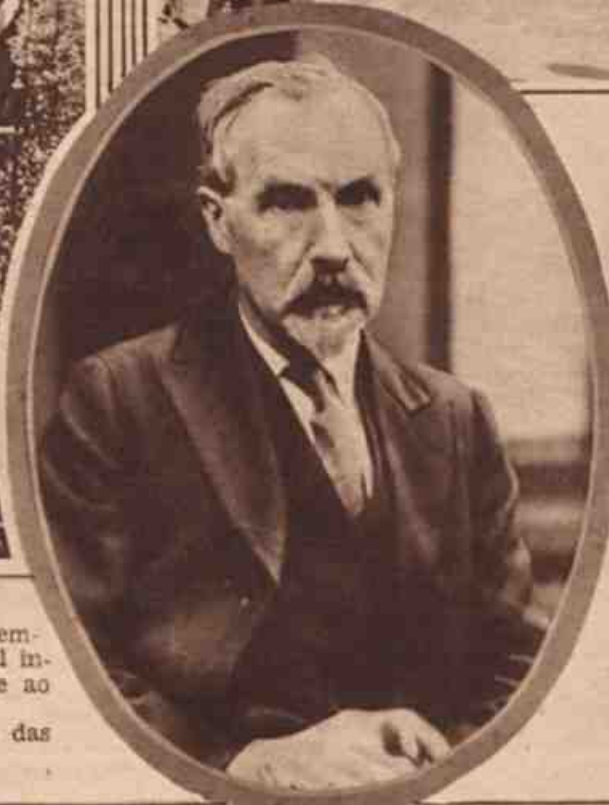
UM TEMPORAL MEDONHO — Desabou sobre o littoral de Manilha um formidavel temporal. Foram incontaveis os estragos causados pelo tufão, a que se seguiu um aguaceiro diluviano. Este navio foi um dos muitos que o cyclone arrastou, em sua furia satanica, para as costas do Pacifico.

TERRAS PARA OS LAVRADORES — Ernest Jeffers foi um dos primeiros a assignar o requerimento em que os habitantes de Pinehurst pediram ao Governo dois acres de terra, para cultival-os ou nelles fazer outros melhoramentos.

VIAGEM PRESIDENCIAL — O Presidente Roosevelt aproveitou a sua excursão a Warm Springs, para inaugurar, em Harrodsburg, um monumento e inspeccionar as obras que estão sendo feitas no valle do Tennessee. Nesta photo vê-se S. Ex. em conversa com seus secretarios de Estado, Cordell Hull e Daniel Roper, na gare de Washington.

POLITICO EM APUROS — Os reporters de Paris não deixaram em paz o ministro Pierre Flandin quando o estadista francez sahia do Elyseu onde fôra a convite do Presidente Lebrun para receber a *leaderança* do gabinete.

PROTESTO DE ESTUDANTES — Centenares de estudantes de New York realizaram ali um *meeting* de protesto contra a expulsão de alguns collegas que se tinham declarado antifascistas.

O DIA DO ARMISTICIO — A data de 11 de Novembro foi rememorada condignamente na capital ingleza. As ceremonias foram celebradas em frente ao Cenotaphio aos Mortos na grande guerra.

O rei Jorge V esteve presente, acompanhado das pessoas gradas do Reino.

ATTITUDE ESTRANHA — Donald Buckley, governador-geral do Estado livre da Irlanda, que declinou da honra de participar das homenagens feitas, em Londres, ao principe Jorge e á princeza Marina, que voltavam á Inglaterra para celebrar suas nupcias.

AS NOVAS DIPLOMADAS PELO INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA

Um flagrante apanhado após a missa em acção de graças, mandada resar pelas alumnas do Instituto Nacional de Musica que collaram grau.

SOCIEDADE CARIOCA

Sra. Théo-Filho, figura de destaque em nossos meios sociaes, onde brilha pelo seu espirito e elegancia.

UM FESTIVAL DE ARTE

Neiva Gomes, a interessante cantora do nosso *broadcasting* que realizou, a semana passada, um festival de arte no Studio Nicolas, em beneficio do Instituto de Protecção á Infancia, alcançando um grande exito e conquistando vivos applausos da culta platéa que lá foi, attrahida pelo *charme* da joven artista e pelo esplendido programma que ella soube organizar.

UMA AUDIÇÃO DE CANTO

A professora L. Paskernak realizou, ha dias, uma audição de canto que alcançou um exito extraordinario. A photographia foi tirada durante um dos ensaios, vendo-se a professora cercada das suas alumnas que tomaram parte naquella agradavel hora de arte.

Anno velho! Anno novo!

ASSIS MEMORIA

QUATRO dias mais, e uma nova éra surgirá. E mais a humanidade se enche de esperanças, do mesmo modo que se deixa possuir de aprehensões. Para os que se encontram na primavera da vida; para a mocidade sempre despreoccupada, que vive, apenas, a hora fugidia do presente, um novo anno é como a alvorada de um novo dia: um mundo de esperanças que desperta, de illusões que se renovam. Para os que chegaram á tarde da vida, á velhice, que vale sempre como a fronteira da morte, um anno novo importa num crepusculo do dia, porque é o portico da noite, com o seu mysterio, da treva com a sua escuridão apavorante.

E' que os velhos olham sempre para o passado e o futuro não lhes desperta interesse, porque não tem mais illusões com que o possam povoar.

Um versejador inspirado enquadrou, no laconismo de um soneto, que é todo um poema philosophico, o contraste flagrante dessas illusões, que brotam, por encanto, na mocidade e que fenecem, na decrepitude:—

"Quando partimos, no vigor dos annos,
Da vida pela estrada florescente,
As esperanças vão comnosco, á frente,
E vão ficando atraz os desenganos".

Bella verdade! Depois, vem o tempo e a sua classica foice vae ceifando essas esperanças, uma e uma, e chegam, rapidas, as desillusões com o seu cortejo funebre.

E', então, o reinado fatal dos desenganos. E ahi está o remate de tudo: —

"E, então, nós enxergamos claramente
Como a existencia é rapida e fallaz,
E vemos que succede, exactamente,

— O contrario dos tempos de rapaz:
Os desenganos vão comnosco, á frente
E as esperanças vão ficando atraz".

Nunca um devaneio poetico conteve, em versos tão simples, verdade tão havida por verdade.

E, ao inicio de cada éra, muitos sentem realmente, que a peregrinação por este valle de pranto, ou a jornada alegre por este paraiso ephemero, se revestem deste duplo aspecto: o cahir das illusões, ou o surgir de novas esperanças. E esperanças, e illusões, tudo cabe, á larga, na vastidão intermina das idades, no amplo scenario dos annos, que se succedem, indifferentes, inexoraveis, fugacissimos.

Ha, comtudo, uma venturosa classe de pessoas, para quem as éras que morrem e as éras que surgem possuem um encanto perenne, uma promessa sempre dourada, uma felicidade sempre vivaz: são os crentes. Para aquelles, que têm a rara ventura de crer e de fazer o Bem, que a Crença aconselha, um anno que finda, é mais uma pagina de ouro registrada no livro eterno a que alludem as **Letras Santas,** o livro da vida, por excellencia. E a éra que começa é outra pagina, que se vae encher de boas obras, de acções meritorias, perfeitos caracteres de ouro, ornando, como illuminuras preciosas, o Grande Livro.

— 1934 ! 1935 !

E'ra que se vae perder no passado, éra que brota das incertezas do futuro, das brumas sempre espessas do porvir, cheio de surpresas e, por vezes, de inversões bruscas, só aquelle que segue o Christo, o rei immortal dos seculos, não teme nem as vossas desillusões, nem os vossos desenganos, porque o Mestre é a esperança eterna e a eterna certeza de um mundo melhor, de uma vida mais feliz. Mundo, cujos dias não têm crepusculos! Vida, cuja mocidade não tem occaso !

O MENINO QUE IA SER "GUIA" DO BRASIL

— *"Me dá uma esmola p'ro meu pae que é cego?"*

Era a cantilena de um rapazinho de uns dez annos que todas as manhãs pedia esmolas num ponto de bonde.

Movendo a cabeça como constantes "não" o menino sempre com as mesmas inflexões cantava para os passageiros, palheta estendida, amarellada e grande, do cego de verdade que tinha os olhos vasados e se apoiava em seus hombros de creança, esta phrase:

— *"Me dá uma esmola p'ro meu pae que é cego?!"*

Alguns nickeis saltavam, ás vezes, e iam parar dentro do chapéo de palha.

O menino continuava a esmolar.

O rapazinho tornava a mendigar, como um automato, de braços estendido:

— *"Me dá uma esmola p'ro meu pae que é cego?"*

Certo dia uma passageira não se conteve. Emquanto o bonde esteve parado disse-lhe:

— "Menino! O Brasil ainda é mais cego do que o seu pae! O Brasil ainda é mais cego porque não enxerga taes cousas, como você, forte e bonito, pedindo esmolas para um homem que nem é seu pae! Menino! O Brasil é pobre tambem mas é rico de agua! Por que você não salta aquelles peredões e não vae lavar esses pés, naquella enorme bacia? Menino! vae lavar esses pés no mar! Seja pobre mas seja limpo!" No mesmo instante o bond partia cheio das risadas dos passageiros que encontraram um delicioso espirito nessa reprimenda.

Atraz, no ponto de sessão, o menino do cego, algo vexado, olhando para os pés descalços e imundos, pedia de cabeça baixa:

— *"Me dá uma esmola p'ro meu pae que é cego?"*

Porque o guia do cego, mendigava de cabeça baixa, numa attitude humilde, maior quantidade de tostões foi parar dentro da palheta côr de terra.

Outros bondes chegavam.

Paravam.

Partiam.

O rapazinho lembrava-se do conselho daquella passageira:

— "Menino! Vae lavar esses pés. Salte aquelles paredões. Veja como o Brasil é rico de agua. Seja pobre mas seja limpo!"

Com a voz já modificada por esses pensamentos e alguma emoção, pedia:

— *"Me dá uma esmola p'ro meu pae que é cego?"*

Os nickeis vinham voando. Algumas vezes cahiam na calçada. O menino os apanhava.

Continuava a cantarolar a phrase da musica da sua mendicancia: Lembrava-se:

— "Menino! O Brasil ainda é mais cego do que o seu pae!"

—oOo—

Naquella manhã, pés lavados o menino continuava a pedir a sua esmola, desejando, vagamente, que a passageira o notasse: Finalmente ella o avistou e dirigiu-lhe estas palavras:

" — Menino! Calçe uns tamancos! Se não puder... calçe logo uns sapatos você e o "seu" pae já estão ricos..."

Novos passageiros no electrico,

Novas gargalhadas.

E o jovem pedinte pensando que o Brasil era ainda mais cego que o seu cego, pediu, quasi envergonhado de não ser "guia" do Brasil:

— *"Me dá uma esmola p'ro meu pae que é ceguinho?"*

O cego ouviu que lhe diminuiam a qualidade.

Mas o ruido das moedas provou-lhe que estava "augmentado".

Noutro dia o garoto estava de botinas, um pouco maiores que os seus pés. Pedia contente, esperando, com um desejo menos vago que o da vespera, que a passageira o visse. Dizia bem alto:

— *"Me dá uma esmola p'ro meu pae que é cego?"*

— Olha, Tonico, — Falou-lhe, baixinho, o cego de olhos vasados — tu deves pedir como hontem. Rende mais."

O menino, lembrando-se da roupinha nova de riscado e das botinas de carregação que pudéra comprar, gritou:

— *Me dá uma esmolinha p'ro meu paezinho que é ceguinho?"*

Successo! Verdadeira chuva de moedinhas. E a passageira perguntou-lhe:

— "Menino! Quem lhe deu esses sapatões? Foi "São Pedro?" Pois peça-lhe um emprego. Vae a uma botica, a qualquer parte procurar um emprego, que você é um artista! Fará carreira! E lembre-se: "O Brasil é ainda mais cego do que o seu pae!"

—oOo—

Uma tarde o menino subiu no bond. Tirou, completamente desageitado, o bonét de xadrezinho para falar com a passageira, engasgando-se com estas palavras:

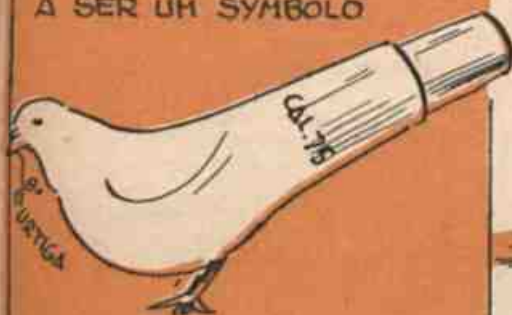
— "Não faço mais força p'ro cego. Agora vou ser "guia" do Brasil. E, si eu morrer de fome a senhora é a culpada pois com as suas chanchadas me estragou a escripta."

E saltou pela esquerda, justamente no cruzamento dos bonds, omnibus e caminhões...

Mas não foi esmagado, não senhor.

PREVISÕES

TEREMOS MUITO A LAMENTAR A MORTE DO ILLUSTRE DESCONHECIDO

HAVERÁ UM ESCANDALO TÃO GRANDE QUE NÃO CABERÁ NESTE ESPAÇO (O INQUERITO SERÁ ARCHIVADO)

SERÁ OFFICIALMENTE DECRETADO O DIVORCIO DE IDEAS, PARTIDOS E OPINIÕES

"LAMPEÃO" FARÁ REQUERIMENTO DE APOSENTADORIA (25 ANNOS DE SERVIÇO)

MEU LIVRO de HISTORIAS

Como um thesouro maravilhoso, o livro se abre deante dos olhos do menino. Do seu texto, saltam para a imaginação da creança genios e princezas, fadas e cavalleiros, monstros e creaturas angelicas, vivendo em palacios encantados, em grutas que guardam segredos e riquezas nunca dantes sonhados em ambientes exoticos do Oriente, no meio de sortilegios que excedem toda a fantasia.

E tudo aquillo se anima porque a gravura colorida lhe dá vida e forma, tudo aquillo se fixa na idéa da creança e virá povoar-lhe os sonhos, aligeirar-lhe as horas e abrir-lhe a curiosidade.

O menino póde não acreditar mais em Papae Noel. Póde ter duvidas acerca da existencia de fadas e genios.

Mas deixar-se-á embalar pe'a doce poesia desse mundo fantastico em que uma lei sabia de justiça e de bondade dirige os destinos de homens e de animaes.

Ella não teve uma avózinha de oculos, nem uma preta velha ranquilla e risonha que lhe contasse as fabulas, as historias de encantamento e as lendas coloridas que nasceram na cabeça dos escravos á sombra do engenho de assucar ou á beira dos telhados das casas grandes, nas fazendas de creação do Brasil primitivo.

Mas tem volumes maravilhosos como "Meu livro de historias" opulento de fantasias, onde a escripta e o desenho lhe pintam deante dos olhos os quadros mais maravilhosos e as aventuras mais extraordinarias.

Deante do livro esplendido, os seus olhos se abrem de pasmo e de alegria. E emquanto Papae vira as paginas, uma a uma, elle nem nota que os seus olhos de homem se enchem de uma suave melancholia, vendo resuscitar esse mundo encantado de fadas e de genios, de sortilegios, de bruxedos, de maravilhas, que elle julgava perdido para sempre, com a saudade distante da velha ama preta e da doce avózinha.

—:o:—

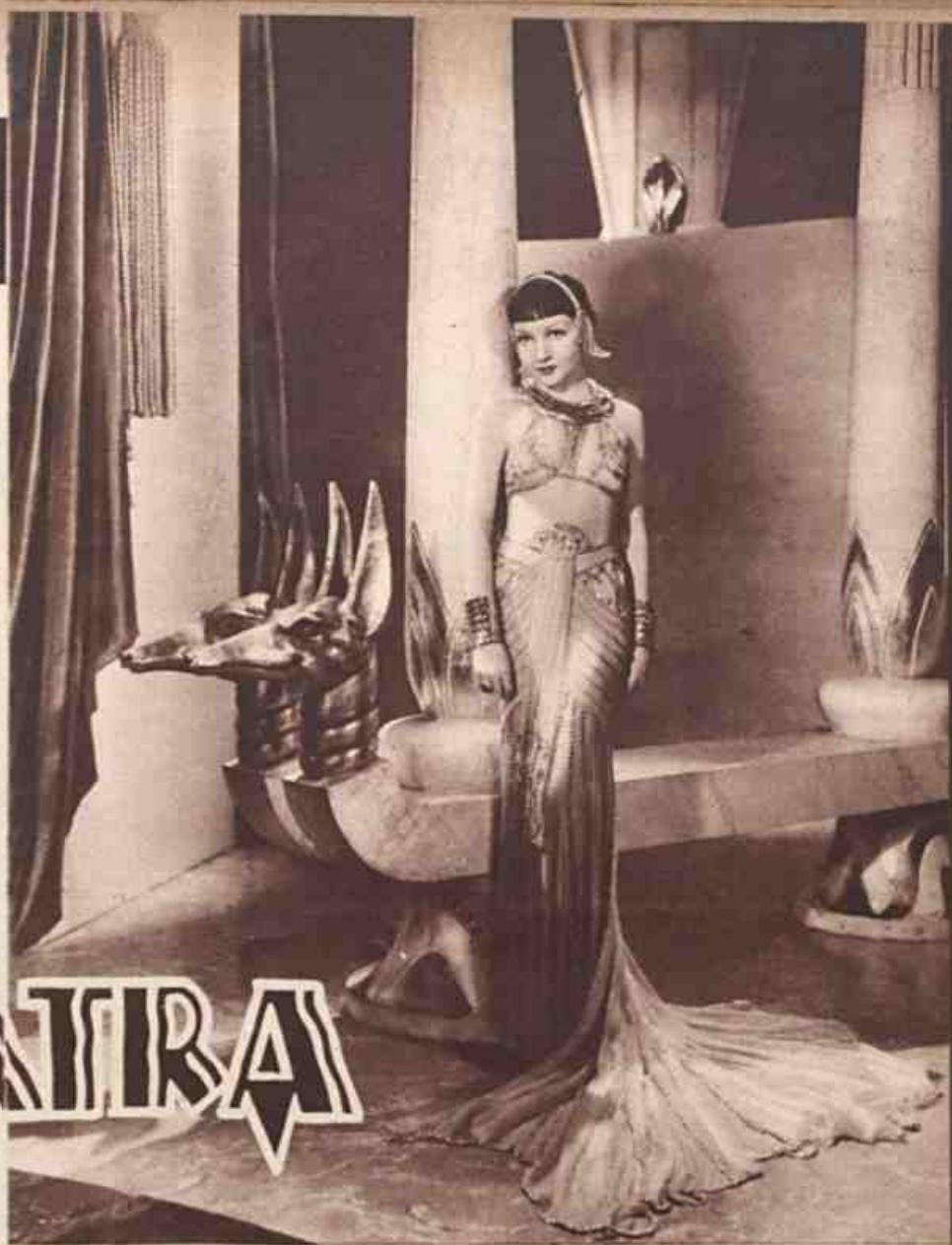
Meu Livro de Historias" edição da Bibliotheca Infantil d'O TICO-TICO, está á venda em todo o Brasil ao preço de 20$000 o exemplar.

DE CINEMA

Por MARIO MUNES

A versão cinematographica dos amores da famosa rainha do Egypto, cuja publicação iniciámos no numero anterior, vivida por Claudette Colbert e Warren William despertou interesse. Damos agora o seguimento, lembrando que o primeiro capitulo trata da rivalidade entre Julio Cesar, vencedor das Gallias, e Pompeu, e de que sahiu victorioso o primeiro, apossando-se de Roma, pela força, e proclamando-se dictador. O Egypto ameaçava Roma na Asia Menor. Julio Cesar resolveu ir combater o Egypto e ao chegar á Alexandria com seus exercitos, soube-se que Cleopatra havia sido raptada!

CLEOPATRA

CLEOPATRA — Claudette Colbert.

Carmion e Iris, escravas e confidentes de Cleopatra pela manhã dirigiram-se aos aposentos de sua real senhora. Uma surpresa as esperava: o quarto estava em violenta desordem e a rainha havia desapparecido. Aos gritos, alarmaram todo o palacio e uma enorme consternação se apossou de todos. Sabiam bem o destino que estava reservado á infeliz. Os partidarios de Ptolomeu, irmão de Cleopatra, menino ainda, haviam resolvido eliminar o pomo de discordia, a rainha, para unificar o paiz devidido e offerecer a Julio Cesar e suas hostes a resistencia necessaria. Contavam com o apoio dos sacerdotes desejosos de intervir no governo do paiz.

Varios carros escoltados por um destacamento de cavallerianos corre por logares desertos e desolados. Nelles vão Cleopatra e o veneravel Apolodoro, seu tutor, ambos de olhos vendados, e amarrados. Seguem para o desterro guardados pelo feroz Potinos. A primeira parada se faz junto de um monumento solitario. Em todas as direcções céo e areia...

Um soldado conduz Cleopatra para junto do monumento e ali a ata. Tiram-lhe a venda e Protinos lhe diz: — Este é o teu novo reino; governa agora as viboras e os escorpiões do deserto!

E ajunta que parte a entrevistar-se com Julio Cesar.

Cleopatra e Apolodoro sós examinam a situação. Vão os traidores offerecer a Julio Cesar a submissão, em troca da corôa do Egypto para Ptolomeu...

Era necessario alcançar Alexandria fosse como fosse. A empresa era arriscada. Descobertos, seriam mortos. Partiriam, apontariam a aridez do paiz. Alcançariam Pelusio, sobre cujas ruinas descansa hoje Port Said e ali em um barco iriam a Alexandria afim de pôr em pratica o atrevido plano da rainha que devia destruír as criminosas intenções de Potinos.

UM GRANDE DIARIO DO

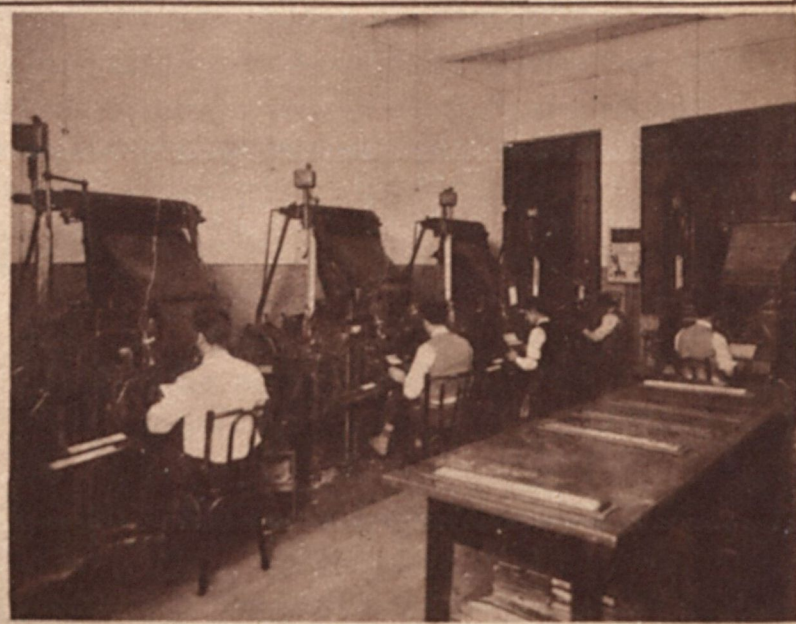
Secção de linotypos do "Correio do Povo"

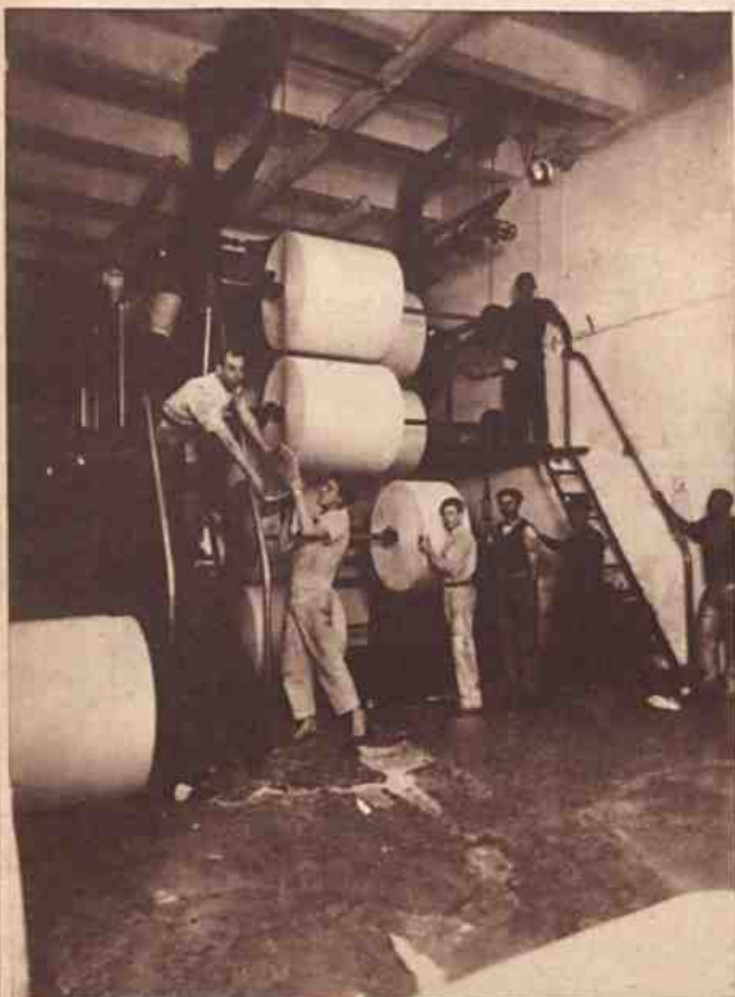
DAMOS, nesta pagina, mais uma reportagem photographica em torno das installações modernas do "Correio do Povo", de Porto Alegre, no 39° anniversario de sua fundação.

Trata-se de uma grande empresa jornalistica, de notavel influencia na vida gaucha e apparelhada de todos os recursos actuaes da industria de publicidade, como se vê atravez dos aspectos que temos publicado.

Secção de typos e caixa do grande jornal gaucho.

Secção de photogravura do "Correio do Povo" de Porto Alegre.

Secção de paginação do grande diario porto-alegrense

Outra vista da secção de linotypos

RIO GRANDE DO SUL

Collocando as bobinas de papel na rotativa do "Correio do Povo".

Distribuição do "Correio do Povo" aos vendedores avulsos

Sala de expedição do "Correio do Povo" de Porto Alegre

Entregadores do "Correio do Povo" á hora de sahir para o seu trabalho.

Sahida de vendedores avulsos do "Correio do Povo".

Em frente á estatua, quando falava o orador official Dr. Oscar Weinschenk

Perpetuando no bronze a memoria de dois pioneiros do nosso progresso

RARAS vezes, terá o poder publico no Brasil praticado um gesto de tanta justiça como esse que acaba de ter a municipalidade de Santos, erigindo um monumento a Eduardo Guinle e Candido Gaffrée.

Foram esses dois homens de fé e de coragem que ergueram na cidade de Santos uma das obras mais decisivas para o progresso economico de S. Paulo e, portanto, do Brasil: as docas de Santos.

Numa época em que o capitalismo estrangeiro ainda não descobrira o Brasil como campo de applicação de capitaes e em que a riqueza publica e particular se exprimia por indices ainda menos expressivos, a obra de Candido Gaffrée e Eduardo Guinle, transformando as praias immundas da cidade de Santos no primeiro porto do Brasil, avulta como um grande trabalho de perseverança, de audacia e de patriotismo. E' justo que o povo da grande cidade paulista veja nesses homens figuras modelares, cujo exemplo de energia constructora deve ser apontado ás gerações de hoje, no culto do bronze eterno. A inauguração do monumento a Candido Gaffrée e Eduardo Guinle verificou-se por occasião da visita dos Ministros da Viação e Fazenda a S. Paulo.

Outro flagrante durante a inauguração do monumento a Candido Gaffrée e Eduardo Guinle.

Senhora

SENHORITA...

Apresento-lhes votos de alegria para 1935, e alguns vestidos novos, para de noite, tão necessarios na epocha de festas, de jantares, de dansas á noite que atravessamos.

Logo em seguida... o exôdo para as montanhas, para as fazendas, para as estancias de aguas.

Tambem ali os vestidos de comprida saia e decote terão cabimento.

Nas estancias de aguas o descanso apenas é proporcionado pela temperatura amena. Porque os chás, os apperitivos e os almoços se addicionam aos piques-niques, aos passeios de "charrette", á cavallo, corridas de automovel...

Muda o scenario.

Os artistas continuam nas boas graças do publico.

E a elegancia de "madame" é tão apreciada como a graça de "mademoisèlle".

Áquella está destinado o bonito e original vestido de organza rosa quente com bolas de velludo preto e vermelho, fôrro dourado; e, com o mesmo fim, o bonito modelo de tunica, talhado em crêpe havana estampado de vermelho e verde.

Organza verde pastilhada de prata, organza "cirée" azul aníl são "toilettes" para a mocidade e a faceirice da "senhorita"...

Que 1935 lhes dê muita alegria!

Sorcière

1 — Organza verde pastilhado de preto.
2 — Organza azul aníl.
3 — Organza rosa quente, bolas de velludo preto e vermelho.
4 — Modelo tunica.

DE TUDO UM POUCO

LEMBRANÇAS SOLTAS

(Do livro — **Memórias** — de Humberto de Campos).

Recapitulando hoje as minhas impressões e sentimentos de infancia, não encontro o menor vestigio de terror, ou a mais insignificante concepção do medo, diante da vida ou dos phenomenos apparentemente sobrenaturaes. A morte não me apavora, e, ao que me parece, eu não tinha idéa muito precisa do que ella fosse. E o mesmo acontecia com os perigos, que eu não temia, e afrontava com a mais tranquila inconciencia. Ao ser arrancado da agua em que ia morrer, e de que havia sido salvo por milagre, não me preoccupava a idéa do risco que correra, mas apenas a delicia do banho que havia tomado.

Tenho na lembrança, ainda, o primeiro morto que vi. Não sei quem era, mas recordo-me que o vi no pequeno cemiterio da villa, que ficava num alto, á esquerda da localidade. Tinham-no levado a enterrar, não sei se numa rêde, ou numa taboa. Sei que não tinha caixão, e que era um homem claro, e moço. Em frente á capelinha da necropole puseram o corpo no chão. Os que acompanhavam o enterro cercaram-no. E eu vi que uma pessoa se adiantava, recebia de outra uma moeda, e punha-a na bocca do morto.

No regresso, eu perguntei a meu tio Epiphanio, tio de minha mãe e a quem ella confiara a liquidação do espolio do meu pae, e que havia ido commigo ao cemiterio, o que significava aquella cerimonia.

— Aquelle homem foi assassinado, — respondeu-me.

— Que é assassinado? — indaguei.

— E' uma pessoa que não morre de doença... Deram uma facada nelle e elle morreu.

— E aquelle dinheiro que botaram na bocca delle, p'ra que é?

— E' porque ninguem sabe quem o matou. Quando matam uma pessoa e ninguem sabe quem é o assassino, põe-se uma moeda de prata debaixo da lingua do morto, e o criminoso vem se entregar ao delegado...

Pouco tempos depois, eu vi outro defunto. Era em uma casa da praça da Igreja, perto da residencia do padre. As janellas estavam abertas e eu corri a espiar. O peitoril era baixo, e eu puz-me nas pontas dos pés, para olhar o que havia lá dentro. E vi, sem terror. Na sala, sobre duas cadeiras, repousava uma taboa, e, sobre a taboa, um homem gordo, as mãos cruzadas sobre o peito. Os pés, calçados, estavam unidos por um lenço, que os amarrava. Outro lenço, passado pela cabeça e por baixo do queixo, lhe conservava a bocca fechada. O ventre enorme, abaúlado. E, sobre o ventre, um pires com sal.

O que me interessava nesse espectaculo não era, todavia, o aspecto do cadaver: era o ruido, que vinha de dentro delle. Dava-me a impressão de que estava dormindo e roncando. De repente, porém, aflora-lhe ao nariz uma bolha branca, como de sabão. Outras vieram, multiplicando-se. E em breve aquella espuma crescia, augmentava, e rolaram, num ron-ron sinistro de gato adormecido, ao mesmo tempo que uma pessoa da familia, com um panno na mão, limpava piedosamente o rosto ao defunto... Eu tinha seis annos, e vi attentamente tudo isso. Mas não me causou espanto. Não tive medo nenhum.

Essa indiferença pelos mysterios profundos da vida e da morte já eu a havia, aliás, manifestado em circumstancias que revelam o atraso do meio em que vivia, e que não exerceu, entretanto, nenhuma influencia assignalavel na formação da minha mentalidade. A heraditariedade, isto é, o espirito livre e claro de meu pae neutralizou, parece, no inicio da formação o meu, a acção perniciosa do ambiente. Ha muito tempo era esperado em Myritiba, entre a gente humilde e semi-barbara, o fim do mundo, que seria annunciado com a vinda do Anti-Christo. Eu devia ter meus quatro ou cinco annos, por esse tempo. Um dia, um casal de caboclos amigos veiu á villa, e levou-me em sua companhia, para passar com elles, na sua casa de roça, a noite de S. João.

Era uma casa pobre, de taipa, coberta de palha, no centro de um mandiocal. Em frente á casa, um terreiro limpo, onde se accendeu a fogueira; e, ao fundo, um girau alto, em que havia paneiros e caixões de plantas miudas. Houve dansas no terreiro, mas eu dormi logo. Alta madrugada, porém, senti que me arrebatavam da rede, e que subiam commigo, numa grande afflicção, para o girau. A noite não tinha lua, mas estava toda polvilhada de estrellas, deixando ver nessa claridade dúbia o contorno suave das cousas. Despertando de repente, e vendo o casal e os filhos agoniados, ouvi por minha vez um grande grito apavorante, que devia partir da garganta de um monstro. Perguntei, baixinho, o que era.

— E' o Anti-Christo, o amaldiçoado... — respondeu-me a cabocla, em cujo collo me havia eu abrigado.

E com doçura medrosa:

— Dorme... dorme...

Adormeci outra vez, debaixo da gritaria do monstro e, quando accordei, estavamos descendo do girau. Tinha amanhecido, e havia, em torno, outros roceiros das proximidades, que comentavam o acontecimento. Da confabulação ficou resolvido que alguns delles iriam á villa verificar o que occorrera durante a noite. Eu fui tambem, carregado, para ser entregue á minha familia, caso ainda existisse. E encontramos Myritiba em alvoroço. Tinha chegado inesperadamente ao seu porto, naquella noite, alarmando-a com uma serie de apitos, a primeira lancha a vapor procedente da capital!...

MEDALHA DE LUZ

(Newton Belleza)

Lua,
— libras esterlina do céo —,
quando nasces tranquillamente,
numa indecisão feminina,
redonda, nitida e perfeita,
sob a graça de tua luz velada,
cariciosa,
(que não cresta como a do sol),
tenho vontade immensa de colher-te,
como raridade fugidia,
para uma collecção de moedas.

Vestido de linho

NOTA CINEMATICA

Jean Harlow, a "rainha das loiras", como a consagrou Hollywood, está a perder o curioso reinado. E porque Myriam Hopkins, Carol Tobin, Toby Wing, Pat Paterson, Leila Hyams, etc., platinaram as cabelleiras tornando-se rivaes da seductora Jean. — Tambem a Crawford procurou copiar-lhe os cabellos. Mas... os directores dos "studios" acham que os cabellos castanhos vão melhor com os olhos verdes da namorada de Franchot Tone.

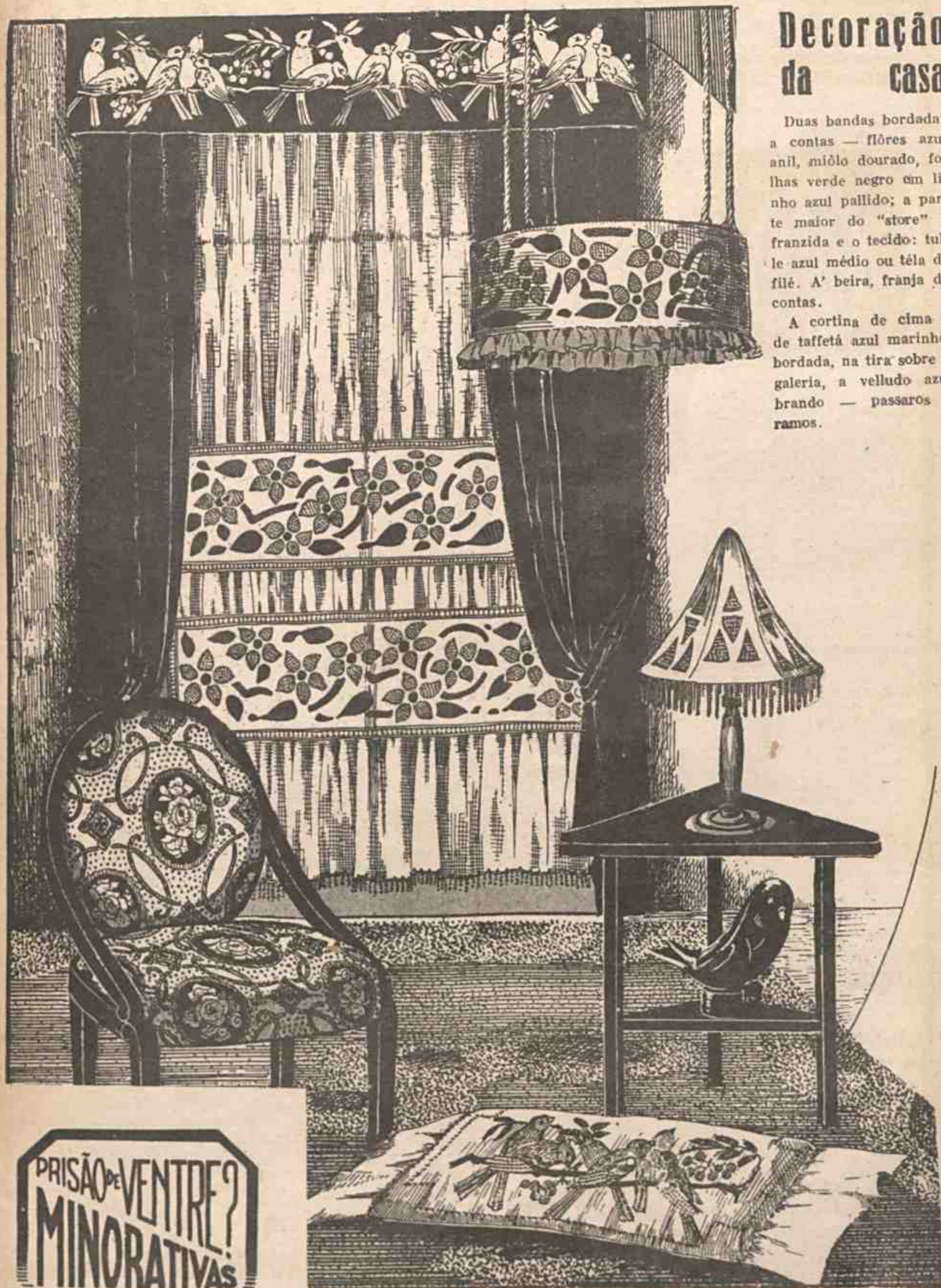
Jean Harlow, na vida privada, é bem diversa da que nos apresenta o cinema: simples, pintando-se pouco, veste continuamente o branco por ser sua cor favorita, ou o addiciona ao preto. Nas festas de "toilettes" pastel Usa poucas joias, e, quando está livre dos "studios" estuda francez, dicção e piano. E' uma das maiores e mais apaixonadas collecionadoras de discos de victrola. Amavel, sorridente, sempre prompta para uma pilheria de espirito, Jean Harlow é uma das "encantadoras" que o cinema revelou.

Arte photographica

Quarto — "studio" para rapaz solteiro

Decoração da casa

Duas bandas bordadas a contas — flôres azul anil, miôlo dourado, folhas verde negro em linho azul pallido; a parte maior do "store" é franzida e o tecido: tulle azul médio ou téla de filé. A' beira, franja de contas.

A cortina de cima é de taffetá azul marinho, bordada, na tira sobre a galeria, a velludo azul brando — passaros e ramos.

"SWEATER" MODERNO

Talhe 40: 100 gr. de lã — fio dobrado, — 2 agulhas de 3 mm.

Começar pelas costas, parte de baixo, com 112 m. no ponto de sanfona: 1 m. pelo direito, 1 pelo avesso (fig. 1), durante 0m,99. Em seguida outro ponto: 1ª *fila* — realizar sobre a primeira malha, tomar 2 juntas, 1 laçada, 1 m., 1 laçada, 2 m. juntas, 5 pelo direito, voltar á 1ª (todas as malhas desta fila são pelo direito); 2ª *fila* — fazer as laçadas pelo mesmo processo das malhas, estas, aliás pelo avesso, excepto a que fica entre as 2 laçadas; então, 9 malhas pelo avesso entre 2 pelo direito, 1 de cada lado. Refazer a primeira fila, a segunda, uma terceira vez a primeira, acabando numa igual á segunda pela terceira vez feita. Na 7ª *fila*, por conseguinte: deslisar sobre a primeira malha, 5 m. pelo direito, 2 juntas, 1 laçada, 1 m. 1 laçada, 2 m. juntas; recomeçar fazendo todas as malhas pelo avesso, com excepção da que fica entre as 2 laçadas. Alternar 3 vezes, com os pontos abertos, uns sobre os outros; retomar a primeira fila (fig. 2) para o ponto de sanfona de que é feita a pala á frente da blusa. Tricotar durante 0m,21. Fechar 7 m. de cada lado para as cavas, depois 1,7 vezes, de cada lado. Continuar direito durante 0m,75 o ponto de sanfona para as outras partes que constituem uma especie de hombreiras e pala atraz, semelhante á de diante, é feito, então, sobre as malhas, fechadas em numero de 36 ao centro, para o decote das costas.

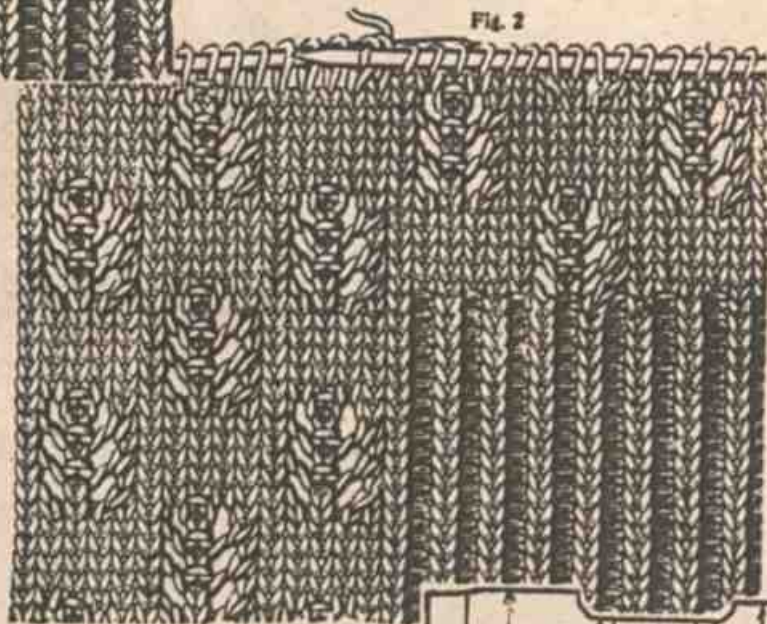
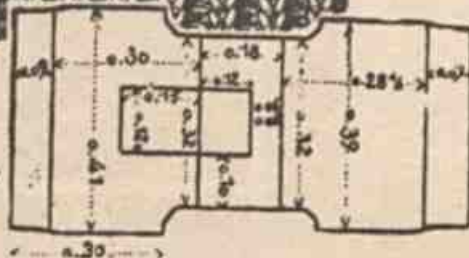
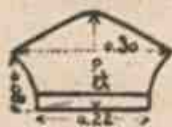
Cada lado feito separadamente. Depois: 0m,12 no ponto de sanfona (fig. 1), deixar a banda terminada de parte, para preparar outra igual: 0m,12 no ponto de sanfona, 36 m. no meio e reunir os dois lados por meio de malhas — 36 em sanfona e o resto, de cada lado, como explica a fig. 2.

Quando a cava tiver 0m,28 de largura, no todo, remontar 1 m. por fila de cada lado, 7 vezes em seguida, depois, no fim, 7 m. de uma só vez; continuar os mesmos pontos até 0m,15 no de sanfona para o collete (pala da frente).

Tomar, então, o ponto da fig. 2 durante 0m,15, acabando por 0m,09 de sanfona.

As mangas principiam por baixo com 70 m. no ponto de sanfona, durante 0m,03, depois o ponto da fig. 2, augmentando 1 m. de 2 em duas filas até á altura de 0m,08. Fechar, então, 3 m. no começo de cada fila até que se acabem todas as malhas.

A' frente, 3 grandes botões de metal.

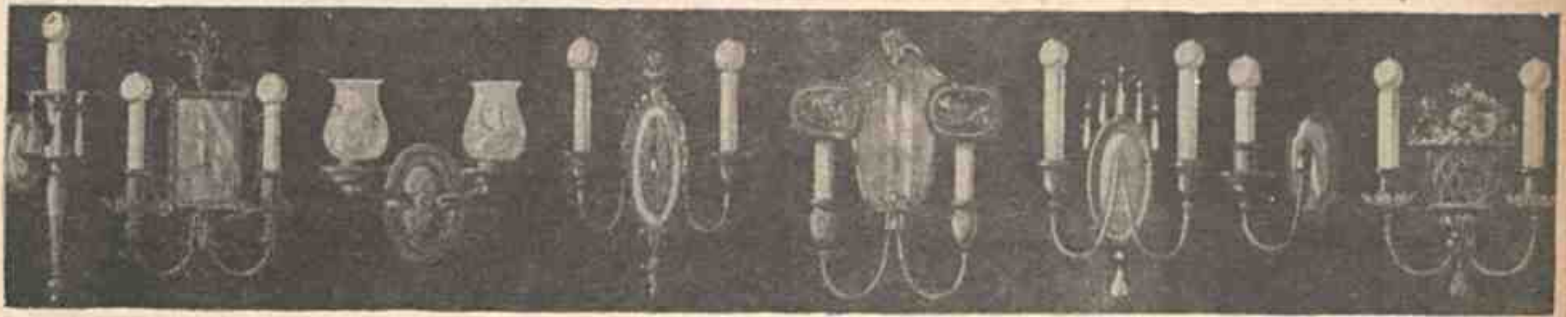
Fig. 2

Como vestem as "estrellas" do cinema

...preto e branco — listras — em organza. Vestido para jantar.

Quatro "fotos" de Billie Seward, "player" das mais graciosas da Columbia Pictures, que ha pouco apreciámos em "Suprema Conquista", e em breve apreciaremos num "film" do genero "western", da mesma productora — "Voice in the night".

... branco e marinho — conjuncto harmonico para esta creação original...

...."deux pièces" genero esporte...

..."ensemble" de crêpe de seda velludoso, para de tarde...

LUZ
NA SALA DE JANTAR

ETHEL D. SEAL — DESENHOS DE M. DISMANT)

Quando, annos atraz, as salas de jantar eram guarnecidas de espelhos inclinados, passei uma hora numa sala onde elles não figuravam, por signal um dos aposentos mais encantadores de que tenho lembrança, considerado mesmo precursor dos de agora: um rodapé de madeira imitando cimento, e valia a pena admirar o fino tapete persa ajustado á parede entre o rodapé e o tecto colorido de "beige".

Bicos de luz brilhavam cada qual emprestando aspecto agradavel ao ambiente. Lampadas dispostas em castiçaes de prata collocados na mesa oblonga, ricamente lavrada, ao centro um "chemin de table" de linho e renda italiana, num realce esplendido dos moveis escuros e das cortinas tom de rosa velho.

Quadro encantador, talvez pela magia das luzes! Imaginem as leitoras o effeito de tudo isso com um espelhão inclinado sobre o linho da mesa!...

No passado usaram-se espelhos em circulo, em quadrado, com modura verde, amarella, ornamento acceito pelos antiquados que ainda se contam...

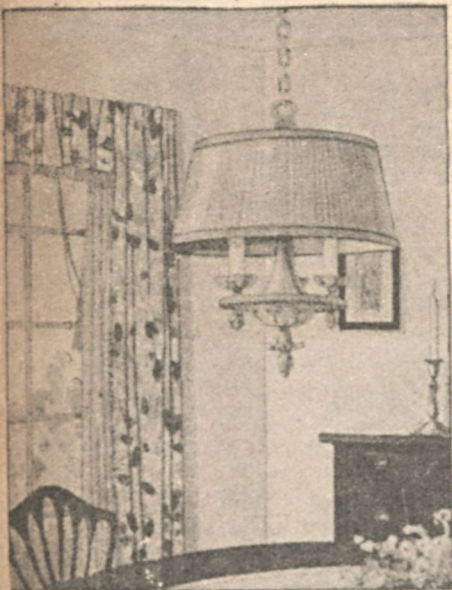
E' bem possivel que vissemos, nos nossos proprios ambientes, taes espelhos. No tempo da nossa meninice. Com a electricidade começaram a transformar-se. De espelhos que eram passaram a espelhos nús, artisticos de singeleza.

E, felizmente, se foram os dispendiosos candelabros que os menos abastados, de éras remotas, timbravam em adquirir muita vez á custa de penosas economias.

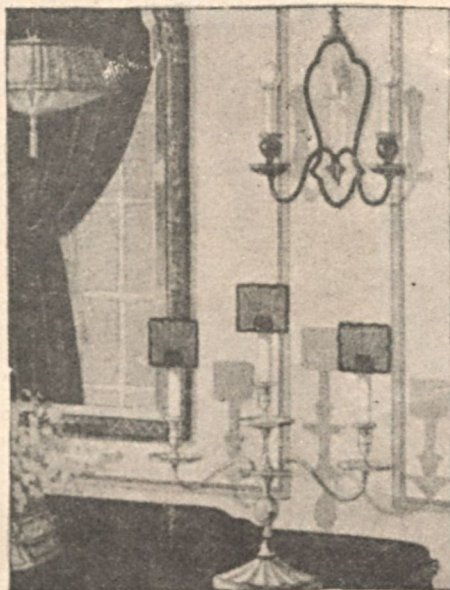
Agora ainda se vêem chuveiros de lampadas á volta do fóco de illuminação principal. E a area central de muitos aposentos, alliás vistosos, contém candelabros de mil braços para sustentar uma unica lampada — coisa de real inesthetica em qualquer canto.

Fóra os espelhos velhos, tambem os vasos de alabastro correm o risco de ser jogados de banda. O alabastro perde, assim, o magico effeito que tinha antes.

Modernamente mantemos lampadas sob quebra-luzes de seda ou de vidro, quando não precisamos da agradavel illuminura de altas velas que tanto guarnecem as mesas e as salas.

A claridade que ora nos fascina é suave, quebrada, mesmo nas mesas de jantar.

embora obedecendo ao rythmo da moda, tambem obedecem ao bom gosto, ao estylo dos moveis e architectura da casa.

Dia a dia apreciamcs felizes concepções em materia de braços electricos, de candelabros, de columnas com "abat-jour", etc.

Os braços de latão, typo colonial, os de velha prata polida, esmaltados de cores estão em uso. Os mais novos são de prata antiga ou esmaltados, e ha tendencia para os de espelho e os de crystal.

A sala de jantar póde ser illuminada de duas maneiras — com alguns bicos de lampada, ou com maior claridade, bastando, para tal, um commutador só, leve, que uma pressão apenas dos dedos faça funccionar.

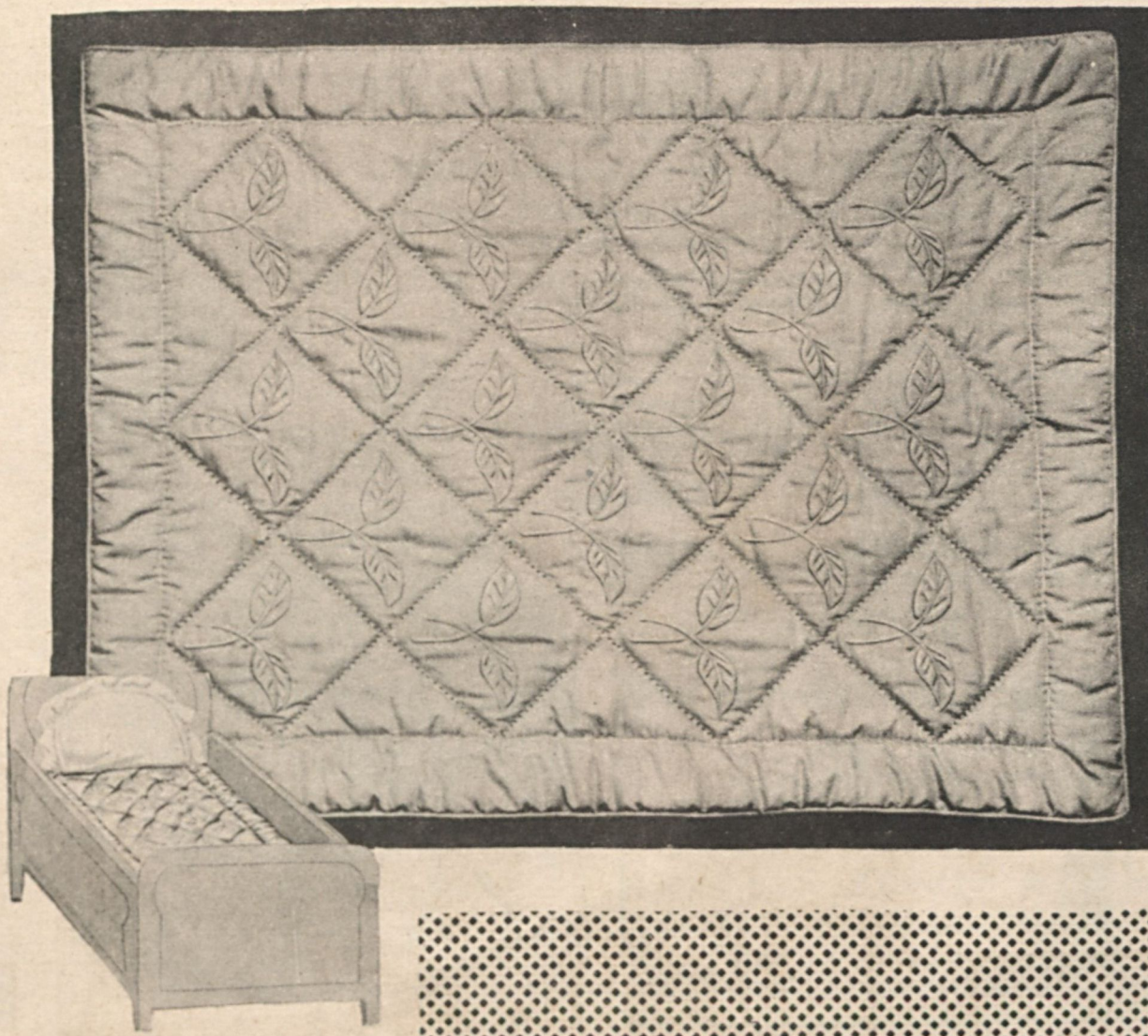
Nas salas onde ha pendentes tambem se podem usar velas pelas paredes, estas constituindo muita vez, o unico methodo de luz.

Mas os typos de luzes e quebras-luzes,

COBERTA DE CAMA

Coberta de cama — execução rapida, facil. Traçar o desenho em papel, reproduzil-o, por meio de papel communicativo, sobre "toile de soie" de tonalidade pastel.

Bordar as folhas e hastes a linha de seda azul — no tecido rosa —; applicar a banda sobre outra do mesmo panno, e, entre as duas — parte de cima e de baixo —, uma folha de flanella macia.

A beira do franzido que serve de moldura será completada por um relevo de cordão. Tudo bem applicado, costurar com pontos que atravessam a espessura dos tres tecidos, formando, assim, os quadros para os motivos bordados.

VESTIDOS BRANCOS

Para a praia: branco ainda, e a alegria das listras, lembrando a coberta das barracas.
E' o que a moda impõe nas roupas que exhibimos na praia.

Inteiramente alvos, branco moreno, branco azulado, branco rosado, branco marfim são os vestidos que preferimos no verão.

O branco ainda pode ser guarnecido de vermelho, de azul, de verde...

E a série de modelos é grande, e graciosos os desta pagina. Empregam-se: linho, "piqué", seda e linho, crepe de seda, "toile de soie" bem grossa, "peau d'ange", "peau" de "gazella".

Tecidos e trajes de accordo com a estação presente.

Belleza e MEDICINA

Qual o fim da massagem?

D R . P I R E S

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

O fim da massagem e um dos seus maiores empregos é evitar a formação das rugas.

As rugas apparecem em consequencia da mimica facial ás vezes exaggerada e completamente desnecessaria.

As expressões de prazer, susto, dôr, etc., que imprimimos ao rosto, feitas amiudadamente, produzem um grande cansaço muscular e, após, um relaxamento que vae produzir as "pelles cahidas".

A pelle está numa situação, em relação ao musculo, comparavel a uma tira de panno cosida sobre um elastico. Se distendermos o elastico a fazenda fica esticada (tal é o rosto normal), se deixarmos de actuar sobre elle nota-se que a fazenda se enruga, o mesmo se observando com o rosto. Se pelas razões acima citadas contrahimos constantemente os musculos esses vincos vão se accentuando e em breve estarão definitivamente formados. Ainda o emmagrecimento é tambem um motivo para a formação de rugas.

A massagem facial estabelece um renhido combate ao relaxamento dos musculos, estimula a circulação, trazendo aos capillares da pelle o sangue que vae nutrir permittindo a reproducção de suas cellulas, substituindo as velhas por novas, sendo aquellas eliminadas pela lavagem do rosto, pela passagem de lenços, arminhos de pó de arroz, etc.

Com a continuação das applicações teremos em breve uma pelle rosea e lisa.

A massagem deve ser extensiva a todas as qualidades de pelle sejam ellas normaes, seccas ou gordurosas.

Sómente não é aconselhavel a que seja feita por pessôas alheias ao "métier" pois que o desconhecimento da anatomia da região facial acarreta a aggravação do mal ao em vez de melhoras.

A massagem combate efficazmente as impurezas da pelle como as espinhas e as hypersecreções como a seborrhéa, etc.

A massotherapia tem demonstrado em todo o mundo a grande utilidade de suas applicações e são incontaveis os casos em que ella tem produzido resultados maravilhosos ora fazendo desapparecer as rugas, ora reparando imperfeições physicas destruindo um dos maiores males da humanidade — a fealdade.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 26.° PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

MARIA DE LOURDES VIDAL — Rua Aymoré, 24 — Penha.

DARIO ALMEIDA — Rua Sant'Anna, 140 — 1° andar.

LUIZ S. GALVÃO — Rua Barão de São Borja, 44 — Meyer.

MINAS GERAES

VICENTE MACHADO — Cidade de Bambuhy.

ANTONIO CARLOS — R. Tiradentes, s|n. — Barbacena.

SÃO PAULO

QUIPROQUOS — Rua Aurora, 15 — Capital.

RIO GRANDE DO SUL

LOPESTELMO — Rua Venancio Alves, 177 — Porto Alegre.

PARAHYBA DO NORTE

F. LISBOA — Rua Barão da Passagem s|n. — João Pessoa.

PERNAMBUCO

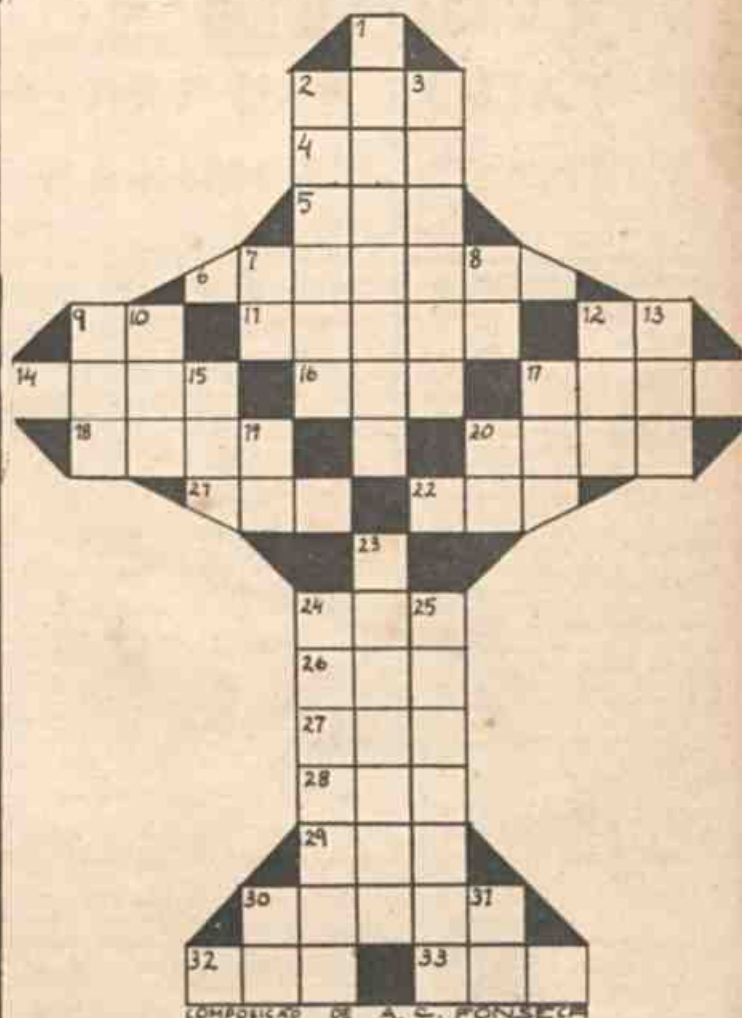
ADALBERTO CASTRO — Rua Duque de Caxias, 39 — Pesqueira.

CEARÁ

CAMARADA — Rua Major Facundo, 657 — Fortaleza.

■	O	P	A	■	■	A	L	A	■
B	■	O	R	N	A	T	O	■	P
O	B	■	C	■	■	L	■	F	A
D	E	S	E	M	P	A	T	A	R
■	T	■	B	■	■	N	■	T	■
■	H	■	I	■	■	T	■	I	■
P	E	S	S	I	M	I	S	M	O
A	L	■	P	■	■	D	■	A	B
Z	■	T	A	L	H	E	R	■	I
■	S	A	L	■	■	S	E	R	■

A SOLUÇÃO EXACTA DO 26° PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

Palavras cruzadas

HORIZONTAES

2 — Instrumento
4 — Panno de armar casas
5 — Homem
6 — Limpo
9 — Nota musical
11 — Fenda
12 — Outra coisa
14 — Casta
16 — Deus do somno s/ a 1.ª
17 — Camareira
18 — Pancada
20 — Vaga
21 — Rei de Judá
22 — Commandante turco
24 — Direito
26 — Planta herbacea
27 — Desprezivel
28 — Pronome (ortogr. simplificada)
29 — General romano s/ a ultima
30 — Governador das Filipinas
32 — Cidade da India
33 — Rese

VERTICAES

1 — Coqueiro do Brasil
2 — Pedra verde
3 — Infausto
7 — Simões Fonseca
8 — Contracção
9 — Claridade
10 — O mesmo que arara
12 — Tempo ás avessas
13 — Poesia
15 — Bôlo de arroz
17 — Medida franceza
19 — Existes
20 — Rei judeu
23 — Indulgencia
24 — Novilha
25 — Cidade da Italia
30 — Ditongo nasal
31 — Parecencia

Ao nosso collaborador Antonio Caetano Fonseca pertence o presente problema de Palavras Cruzadas, tendo escolhido para o seu trabalho o Diccionario S. Fonseca.

Este torneio será encerrado no dia 26 de Janeiro, e o seu resultado publicado na nossa edição do dia 7 de Fevereiro. As soluções certas e acompanhadas do "coupon" respectivo entrarão num sorteio em que distribuiremos DEZ estupendos premios. Toda correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada para a nossa redacção: Travessa dor Ouvidor, 34 — Rio.

PALAVRAS CRUZADAS
Coupon n. 29
Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..
.. ..

SERVIDORES DO ESTADO, AMPARAE VOSSAS FAMILIAS

NO MONTEPIO GERAL DE ECONOMIA DOS SERVIDORES DO ESTADO podeis instituir uma pensão vitalicia para vossa esposa, filhos ou entes que vos são caros, prolongando após vossa morte, a protecção que lhes deveis.*

As tabellas do MONTEPIO são modicas e actuarialmente calculadas.

O seu activo social é de 17.462:537$827.

As suas reservas technicas são de 7.679:979$000.

Nos ultimos 21 annos foram pagas pensões no valor de....... 14.901:016$292, sendo actualmente as suas pensões annuaes de 703:783$800 distribuidas por 2.826 pensionistas.

O MONTEPIO está em dia com todos os seus compromissos.

Podem ser associados do MONTEPIO:

— Os funccionarios publicos federaes, civis ou militares, e bem assim os funccionarios estaduaes e municipaes.

— Os membros dos Poderes Executivo e Legislativo durante o prazo dos seus mandatos, quer federaes, estaduaes ou municipaes.

— Os administradores e empregados de empresas ou bancos subvencionados ou administrados pelo Governo da União.

— Os membros de associações scientificas que recebam auxilio directo ou indirecto do Governo Federal.

A pensão não póde soffer arresto nem penhora e é paga até o ultimo dia de vida da pensionista.

"A PREVIDENCIA ADIADA E' MAIS CRIMINOSA QUE A IMPREVIDENCIA".

A Secretaria do MONTEPIO (Travessa Bellas Artes, 25 — junto ao Thesouro Nacional), vos prestará todas as informações e vos remetterá prospectos e folhetos com as precisas instrucções (Telephone 2-6362).

Nos Estados sereis igualmente informados nas respectivas DELEGACIAS FISCAES.

FUNCCIONARIOS PUBLICOS, INSCREVEI-VOS SEM DEMORA COMO SOCIOS DO MONTEPIO GERAL DE ECONOMIA DOS SERVIDORES DO ESTADO.

Ch. Lorilleux C.ie

Tintas para Impressão

RIO
Rua Pereira de Almeida, 27
8-2606

SÃO PAULO
Rua Don Francisco de Souza

O tempo é o unico producto neste mundo, do qual cada individuo possue o mesmo quinhão. — G. Selfridge.

MEU LIVRO DE HISTORIAS...
um mimo
PRECIOSO
PARA AS
CREANÇAS
PREÇO: 20$000